

# **VIAGEM DE BIKE - ESTRADA REAL**

**06/05 A 18/05/2022**

**CAMINHOS VELHO E NOVO**

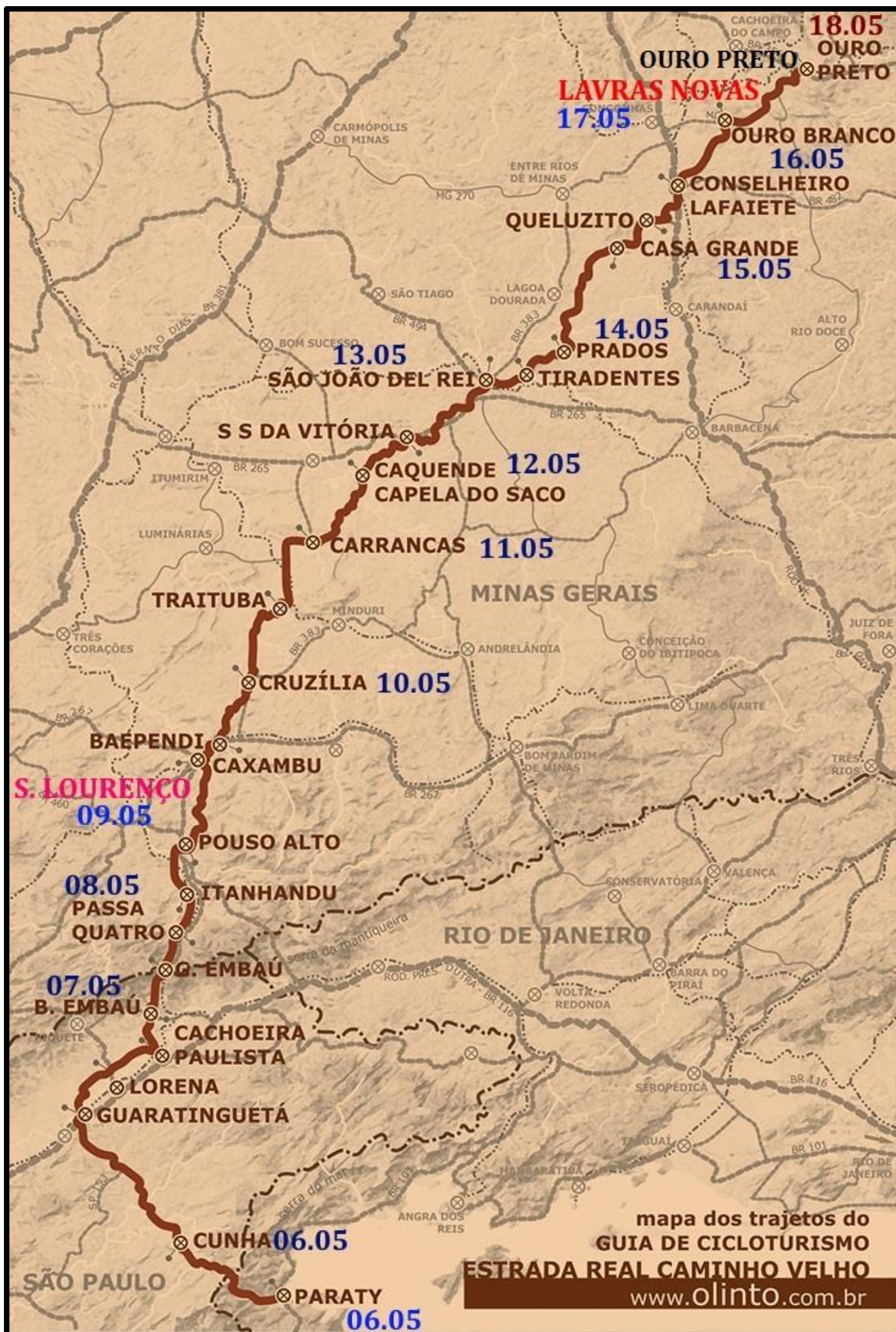
**DE PARATY (RJ) A OURO PRETO (MG)**

**621 km**

**Maio é o mês do IYAAR, luz ou brilho no calendário hebraico.**



**Foto: Fernando Mendes.**



Disponível em: < <https://www.olinto.com.br/guia-livro-dvd-viagem-bicicleta/estrada-real-caminho-velho/>. Acesso: 31/05/2022.

DATA	ESTRADA REAL CAMINHOS VELHO E NOVO MAIO 2022				KM DIA	ACUMULADOS (KM)
06.05	Paraty (RJ) a Cunha (SP)				49,2 km	49,2 km
07.05	Cunha (SP) a Guará (SP)	48,39 km	Guará (SP)  Vila do Emba (SP)	39,39 km	87,78 km	136,98 km
08.05	Vila do Emba (SP)  Divisa SP/MG	21 km	Divisa SP/MG a Passa Quatro (MG)	12,43 km	33,43 km	170,41 km
09.05	Passa Quatro (MG) a Itanhandu (MG)	11 km	Itanhandu (MG) a Pouso Alto (MG)	29 km	56,37 km	226,78 km
	Pouso Alto (MG) a São Lourenço (MG)	16,37 km				
10.05	São Lourenço (MG) a Caxambu (MG)	26,39 km	Caxambu (MG) a Baependi (MG)	12 km	62,98 km	289,76 km
	Baependi (MG) a Cruzília (MG)	24,59 km				
11.05	Cruzília (MG) a Carrancas (MG)				61,31 km	351,07 km
12.05	Carrancas (MG) a Caquende (MG)	29,41 km			29,41 km	380,48 km
13.05	Caquende (MG) a S. S da Vitória	22,29 km	S. S da Vitória a S. J del Rei (MG)	25,32 km	47,61 km	428,09 km
14.05	S. J del Rei (MG) a Prados (MG)	33,22 km			33,22 km	461,31 km
15.05	Prados (MG) a Lagoa Dourada (MG)	28 km	Lagoa Dourada (MG) a Casa Grande (MG)	27,62 km	55,62 km	516,93 km
16.05	Casa Grande (MG) a C. Lafaiete (MG)	35,31 km	C. Lafaiete (MG) a Ouro Branco (MG)	21 km	56,31 km	573,24 km
17.05	Ouro Branco (MG) a Lavras Novas (MG)				28 km	601,24 km
18.05	Lavras Novas (MG) a Ouro Preto (MG)				19,76 km	621 km

Terceira jornada pelo Caminho Velho e a primeira na rota Paraty (RJ) a Ouro Preto (MG), mesclando 85% do trajeto pelo Caminho Velho (Paraty - RJ a Casa Grande - MG) e 15% pelo Caminho Novo (Casa Grande - MG a Ouro Preto - MG).

Para chegar a Paraty (RJ), encarei um périplo rodoviário de 24 horas em dois ônibus: de Brasília (DF) a São Paulo (SP) e de São Paulo (SP) a Paraty (RJ).

Sa da Capital Federal (onde moro faz 50 anos) s 19h do dia 03/05/2022 e cheguei à Costa Verde às 19h doutro dia (04/05/2022). Foram 1.300 quilômetros.

Hospedei-me na Pousada Maré Cheia - recomendo - e passei o dia seguinte (05/05/2022) a passear e fotografar Paraty (RJ).

Precisava relaxar para iniciar [no dia seguinte] a jornada de *bike* até Ouro Preto (MG), 621 quilômetros à frente ou 419,5 milhas romanas (1 milha romana equivale a 1.480 metros).









### **Fotos: Fernando Mendes.**

O quarto que ocupei na Pousada Maré Cheia fica de frente para a Praia do Pontal, ou seja, virado para o leste. O orto solar naquela sexta-feira dia 06/05/2022 aconteceu às 6h 21.

Lentamente despreguei as pálpebras e a claridade atravessou a cortina dos meus cílios. O grande dia chegou. Alvíssaras.

Da varanda do aposento vi o Sol se erguendo preguiçosamente no horizonte oriental, brindando Paraty (RJ) [e região] com um dia belíssimo de céu azul, no qual algumas poucas nuvens quietas denunciavam a ausência de vento e desenhavam figuras incompreensíveis.

Após farto e delicioso café da manhã (pequeno almoço em Portugal), retornei ao quarto, acomodei meus haveres num inseparável par de alforjes, que levo preso à garupa da *bike*, e me dirigi ao Centro de Informações Turísticas, na Praça do Chafariz, para retirar o Passaporte Estrada Real.

A funcionária me entregou o salvo-conduto com jeito quase solene, me lembrando um coroinha entregando a hóstia na comunhão.

Naquele sítio [a Praça do Chafariz] foi "plantado" o primeiro Marco da Estrada Real, ponto de partida para quem começa a viagem em Paraty (RJ) rumo a Ouro Preto (MG) e última marcação àqueles que vêm na direção oposta (de Ouro Preto - MG a Paraty- RJ).



**Foto: Fernando Mendes.**

### **AS ESTRADAS ROMANAS E A ESTRADA REAL. SINGULARIDADES.**

Quando tomei conhecimento da Estrada Real e dos caminhos que ela empreende, uma de suas simbologias me fez buscar algo que havia se perdido na penumbra do esquecimento: os milários, marcos de pedra que sinalizavam as estradas romanas e avisavam das aldeias próximas, bem como das milhas romanas que as separavam.

**1 milha romana vale 1.480 metros.**

Os Marcos do Instituto Estrada Real - erroneamente chamados por muitos de TOTENS - têm a mesma função dos milários à época do Império Romano.

Construídos em concreto [os Totens], trazem o traçado dos três caminhos da Estrada Real (Diamantes, Velho e Novo), indicam onde o viajante se encontra ("*você está aqui*"), a localização geográfica do lugar, informando a latitude, a longitude, a altitude e o *DATUM* (palavra em latim que se refere a "detalhe"), que nada mais é do que o sistema de coordenadas de referência usado pelo GPS.

**NOTAS DO AUTOR.**

<b>1º DIA</b>	<b>06/05/2022</b>
	<b>PARATY (RJ) A CUNHA (SP)</b>
	<b>49,2 km</b>

Pontualmente às 10h posicionei-me de costas para as correntes da Rua da Lapa. Ao me ver partindo, um nativo desejou-me boa viagem.

Foram as primeiras pedaladas pela Avenida Roberto da Silveira. Ao terminá-la, atravessei perpendicularmente a BR - 101 e ingressei na Rodovia Estadual RJ - 165.

Uma ciclovía me conduziu até o Bairro Pantanal, que termina na travessia da ponte sobre o Rio Perequê-Açu. O céu se estendia sem limites, um mar profundo de nuvens, me acompanhava azul e pacífico.



**Rio Perequê-Açu. Foto: Fernando Mendes.**

Finda a travessia [da ponte], percebi uma lenta, porém obstinada ascensão que perfaz 23 quilômetros até atingir a cota altimétrica de 1.560 metros, local marcado pela divisa dos Estados do RJ e SP. É a maior ascensão nos quatro caminhos que constituem a Estrada Real.

**Estrada Real é isso: ou não se vai ou, quando se vai,  
se sabe ao que se vai.**





Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.

Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).

Até o 8º km, a inclinação é civilizada. A partir daí, até o 23º [km], "o bicho pega". Foram (ou são) 15 quilômetros em ascensão (sem refresco) gerando uma proporção entre subida/km pedalado de 1 para 1. Sendo pontual: para cada 1 km pedalado, a elevação do terreno é de 104 m. Ou seja, 104 metros X 15 km = 1.560 metros de ascendência.

Em virtude dessa "parede" a subir, logo nos primeiros quilômetros, muitos cicloturistas preferem percorrer o Caminho Velho, iniciando a jornada em Ouro Preto (MG), sob a alegação "*do interior (Ouro Preto - MG) para o litoral (Paraty - RJ) têm mais descidas do que subidas*". Percepção errônea (ou quase).

Levando-se em conta a distância de 621 quilômetros entre Paraty (RJ) e Ouro Preto (MG) [e vice e versa], as subidas (ascensão) e as descidas (descensos) quase se equivalem e a proporção é de 2,04 m (de subida ou descida) para cada quilômetro pedalado.

Indagado por muitas pessoas ao longo do caminho, acerca da minha rota (Paraty - RJ a Ouro Preto - MG), fiquei sem entender o porquê da expressão de espanto quando diziam: " *você está fazendo o caminho ao contrário*". Não entendi o porquê do "ao contrário".

Se um viajante sai do Rio de Janeiro (RJ) rumo a São Paulo (SP), seguindo pela Via Dutra, e outro viajante sai de São Paulo (SP) para o Rio de Janeiro (RJ), pela mesma Via Dutra, em certo ponto do trajeto - decerto - irão se encontrar. Mas qual deles está indo "ao contrário"? Não faz sentido essa observação.

A conclusão que cheguei é a seguinte: a maioria dos cicloturistas prefere sair de Ouro Preto (MG) rumo a Paraty (RJ) por entender que as descidas predominam em relação às subidas. Isso é fato, mas a diferença altimétrica é quase imperceptível, conforme tabelas que se seguem.

Paraty (RJ) a Ouro Preto (MG)	
<b>Active total</b>	<b>10.639 m</b>
<b>Declive total</b>	<b>9.411 m</b>
<b>1.228 m</b>	

de ascensão.

Ouro Preto (MG) a Paraty (RJ)	
Aclive total	9.411 m
Declive total	10.639 m
1.228 m de descenso.	

Disponível em: <<https://www.olinto.com.br/guia-livro-dvd-viagem-bicicleta/estrada-real-caminho-velho/>>. Acesso: 31/05/2022.

Portanto, quem opta pelo trajeto Paraty (RJ) a Ouro Preto (MG), jamais estará percorrendo o caminho "ao contrário". As direções são opostas, mas o trajeto não é "ao contrário"! Aquela visão [nada geográfica] de que "Ouro Preto está lá em cima" e "Paraty está lá embaixo" leva muitos a crer que do interior para o litoral é "tudo para baixo". Ledo engano. Na condição de Professor de Geografia, presenciei esse tipo de raciocínio [falacioso] por anos a fio no Magistério. Coloque o mapa sobre a mesa e o "lá em cima" e o "lá embaixo" desaparecem.

O "lá em cima" tem nome: Norte; o "lá embaixo" também: Sul.

As chuvas deste verão (2021/22) fizeram consideráveis estragos no piso da Rodovia RJ - 165. Muitas interrupções com "pare e siga", em virtude das obras de recuperação asfáltica, pintura da sinalização horizontal e a reconstrução das galerias de captação de águas pluviais, destruídas após sucessivos dilúvios estivais (próprio do Verão).

Os Verões no Hemisfério Sul vão de 21 de dezembro a 21 de março. No Hemisfério Norte, no mesmo período, acontecem os invernos. É assim desde Adão e Eva.

[...] *"as quatro estações do ano são nítidas e claramente demarcadas, cada uma com os seus sinais, os seus sons, os seus cheiros, a sua própria ampulheta por onde o tempo escorre, nem devagar nem depressa, apenas no seu ritmo sempre igual"*.

**Fonte: Rio das Flores / Miguel Sousa Tavares - São Paulo : Companhia das Letras, 2008, p. 490. Romance : Literatura Portuguesa.**

O movimento de veículos era grande e longos engarrafamentos se formaram por conta das obras. Isso atrasou deveras o trecho inicial da viagem.

No km 8, parei no Bairro da Penha e saboreei uma chávena café coado na hora, acompanhado de rapadura em barra. O pedal continuou à vera, e os "pare e siga" também. Paraty (RJ) e sua majestosa baía, lá embaixo, foram ficando pequenas enquanto a subida ficava cascuda. Meu coração, a pleno rendimento, revelava ritmo sinusal, ou seja, indicação de batimentos saudáveis.

Fiquei a imaginar essas linhas se transformando nas linhas verdes e pulsantes de um monitor de frequência cardíaca, encurta e alonga ao sabor dos batimentos.

Cota 440 metros e subindo.



**Foto: Fernando Mendes.**

Próximo à cota 500 metros parei na Barraca do Careca e degustei deliciosos pastéis de banana com canela. Eram 12h 50. Estava pedalando fazia 2 horas e 50 minutos.

A química digestiva, àquela altura [do caminho e dos acontecimentos], havia digerido o café da manhã ou pequeno almoço (em Portugal). Faltavam dois quilômetros para o início do calçamento e o fim do asfalto. Cota 510 metros e subindo.

Às 13h 16, após pedalar 12 quilômetros [em 3 horas e 16 minutos] desde a saída de Paraty (RJ), atingi o ponto no qual o asfalto [da RJ - 165] cede lugar ao calçamento em bloquetes. Cota 600 metros e subindo.

Essa obra foi concluída em 2015 e pôs fim à etapa, em leito natural, em péssimas condições de uso, com 11 quilômetros de extensão e parte integrante do Parque Nacional da Serra da Bocaina **1**.

## **1 - Serra da Bocaina é um subgrupo da Serra do Mar.**



**Foto: Fernando Mendes.**

Em maio de 2011, ocasião na qual percorri a Estrada Real pela primeira vez, fazendo a rota Diamantina (MG) a Paraty (RJ), percorri esse trecho - hoje calçado - em precárias condições de tráfego, mesmo para bicicletas.

Ao [re] iniciar as pedaladas, agora sobre o calçamento de paralelepípedos modernos - os *bloquetes* - passei sob estruturas perpendiculares à estrada, usada pelos animais

silvestres para passar de um lado para outro da mata, sem riscos de atropelamentos. Cota 820 metros e subindo.

Lamentavelmente o tempo virou, uma névoa alvadia, que flutuava próxima ao chão e com aspecto pouco amável, encobriu o caminho.

A forte radiação solar desde o amanhecer aqueceu o ar, tornando-o menos denso (leve) e subido as escarpas da Serra da Bocaina (subgrupo da Serra do Mar), condensando-se e dando lugar a tão incômoda neblina ou “névoa alvadia”, que espalhava-se à roda.

A *bike* foi abrindo caminho através da névoa avançando como a proa de um navio. Cota 910 metros e subindo.

Dos mirantes ao longo do caminho, nada se via da paisagem. A temperatura caiu rapidamente. O termômetro do GPS assinalava modestos 13º C, com sensação térmica de 10ºC.

Ao sair de Paraty (RJ), há pouco mais de cinco horas, a temperatura [ao nível do mar] era de agradáveis 26º C. Cota 1.300 metros e subindo. Amplitude térmica de 13º C.



**Passagem aérea para a fauna sem riscos de atropelamentos.**





**Foto: Fernando Mendes.**

Às 15h 52, decorridas 5 horas e 52 minutos desde a saída Paraty (RJ) e "escalar" 23 quilômetros, cheguei à "virada" da serra. Ao coroar o "cume", uma rajada de vento frio me recebeu, dando-me as boas-vindas. Alvíssaras!

Na "virada" da serra, o Estado do Rio de Janeiro (RJ) ficou para trás. Bem-vindo Estado de São Paulo (SP). A nomenclatura RJ - 165 deu lugar à nomenclatura SP - 171.

Venci a maior subida [23 km] do Caminho Velho, embora tenha enfrentado até Ouro Preto (MG) subidas menores em extensão, todavia com inclinações semelhantes a esse trecho inicial.

**TRECHO PARATY (RJ) À "VIRADA" DA SERRA - 23 km.**

**Segunda subida mais difícil do Rio de Janeiro.**

**Segunda subida mais difícil do Sudeste.**

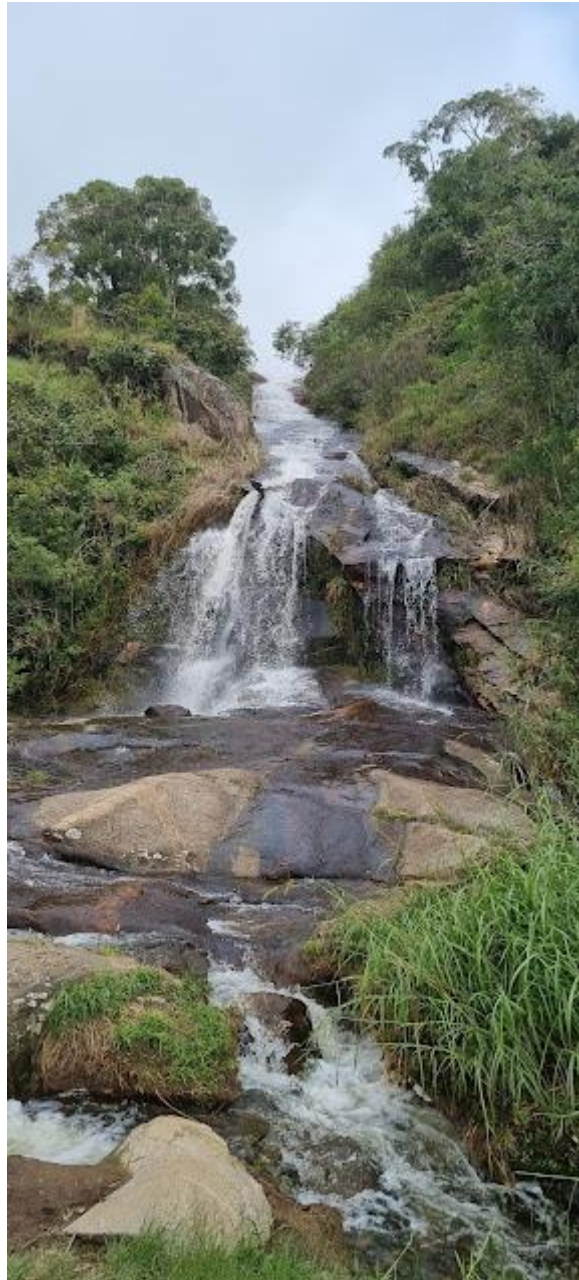
**Segunda subida mais difícil do Brasil.**

Após fotos e uma comemoração solitária, subi na bike e continuei a viagem. Não podia ficar parado por mais tempo. A temperatura, quase polar (?), me obrigou a seguir.

A estrada inclinou absurdamente para baixo e as descidas - tão esperadas - tornaram-se inimigas. O vento gelado castigava, apesar de vestir casaco corta-vento e luvas.

Rápida parada na Cachoeira do Mato Limpo. Banho àquela hora, nem pensar.





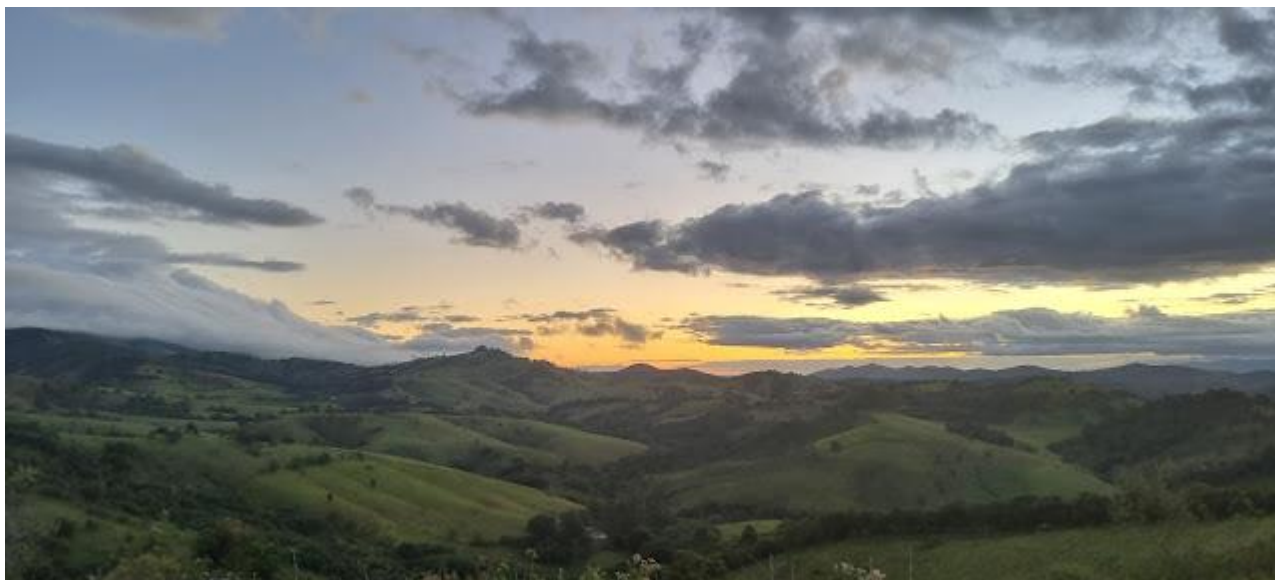
**Cachoeira do Mato Limpo. Fotos: Fernando Mendes.**

Continuei a descer em velocidade moderada. Passada a Pousada Antigo Caminho do Ouro, uns dois quilômetros à frente, parei no Kallas da Serra, o Sabor da Roça. Precisava me aquecer. Troquei a blusa muito suada sob o casaco corta-vento e coloquei uma limpa e seca.

Saboreei delicioso pão com linguiça e segui para a última etapa daquele primeiro dia de viagem: Cunha (SP), 17,5 quilômetros adiante. Os descensos continuaram a "abençoar" o caminho.

A névoa alvadia dissipou-se à medida que a altitude foi baixando. Pedalava agora - após o lanche - em altitudes que variavam entre 1.100 e 1.000 m. O Sol, fugindo para o oeste, pintava o firmamento de vermelho e laranja.

O ocaso (pôr do Sol) naquele primeiro dia de viagem aconteceu às 17h 31.



**Foto: Fernando Mendes.**

À exceção de uma subida [3 km] forte na chegada à Cidade das Cerâmicas, os 17,5 quilômetros restantes foram em contínuo descenso e cobertos com celeridade e sem percalços.

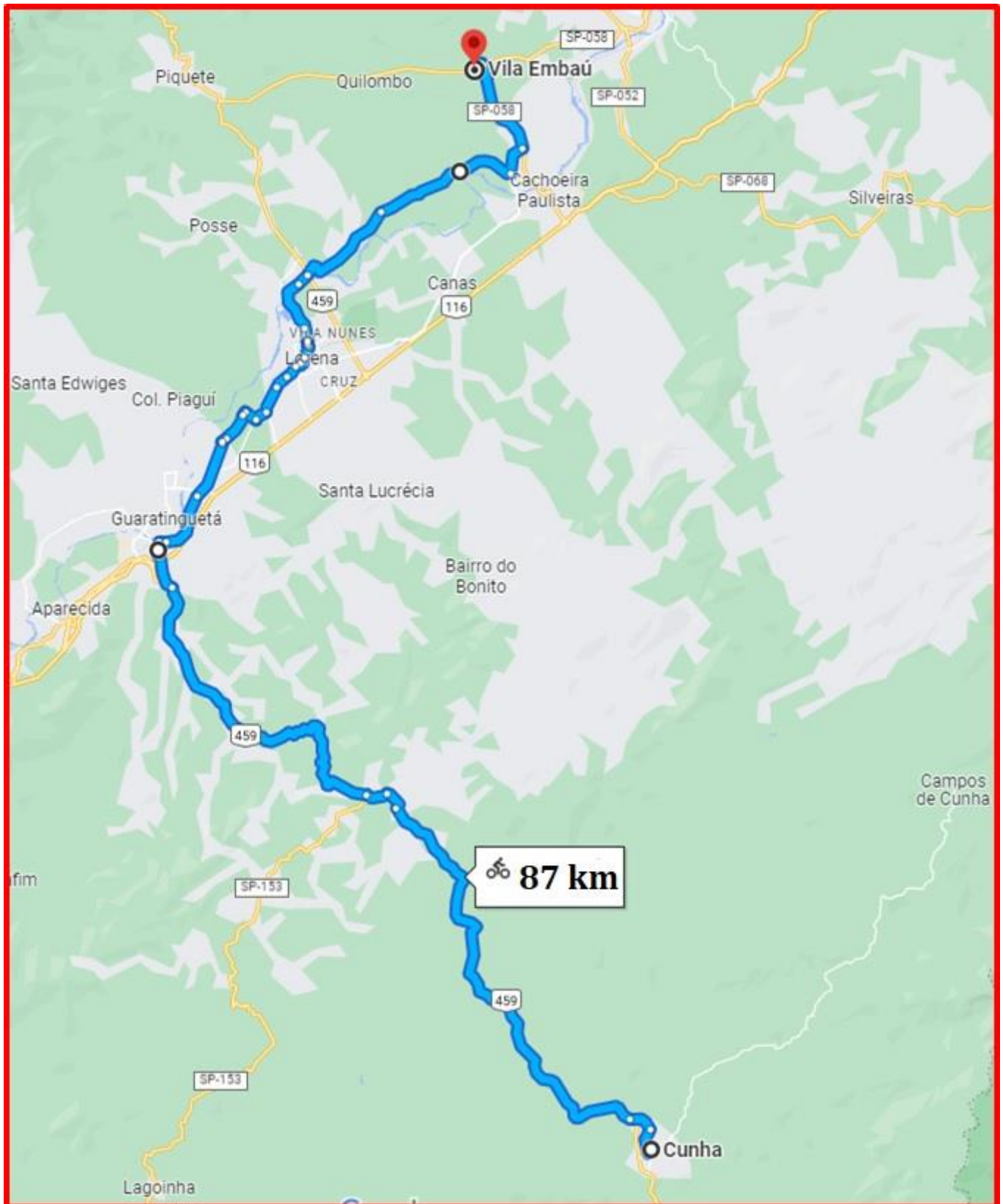
Sob o manto da noite, cheguei a Cunha (SP) às 18h 33. O capacete é dotado de luzes/sinalizadores e um par de potentes faróis, presos ao guidão, garantiram a iluminação do caminho.

Hospedei-me na Pousada Clima da Serra. Recomendo.

Ouro Preto (MG) a 571,8 quilômetros.

<b>PARATY (RJ) A CUNHA (SP)</b>	
Distância percorrida	49,2 km
Calorias	3.800
Total subida	1.881 m
Total descida	1.010 m
Ritmo cardíaco médio (RMC)	132 bpm
Velocidade Média	9,8 km/h
<b>Dados obtidos Garmin Forerunner 310XT</b>	

<b>2º DIA</b>	<b>07/05/2022</b>
	<b>CUNHA (SP) À VILA DO EMBAÚ (SP)</b>
	<b>87,78 km</b>



Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.  
Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).



Disponível em:<<https://www.google.com.br/maps>>.

Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).

Noite splendidamente bem dormida naquele denso e promissor silêncio. O chalé fica bem afastado da rua, garantia de sono que jamais será interrompido por sons noturnos, tais como: motos com escapamentos furados, sons automotivos com músicas horrorosas e horda de pessoas barulhentas - quiçá embriagadas - que disputam quem fala mais alto, enquanto vagam pelas ruas desertas da cidade à procura de suas casas ou bares que ainda estejam abertos.

Terminado o pequeno almoço (café da manhã em Portugal) fui a passos à Doceria da Cidinha, na área central de Cunha (SP), obter o carimbo no Passaporte Estrada Real.

Esse estabelecimento é uma história à parte na cidade. O café expresso e a variedade de doces e guloseimas fazem daquele empório "açucarado" o melhor num raio de 400 quilômetros.

Indo a Cunha (SP), uma visita à Cidinha é obrigatória ou imperdível. Eu garanto.



**Cunha (SP). Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Foto: Fernando Mendes.**

De volta à Pousada Clima da Serra, com meus haveres devidamente acomodados nos alforjes, tomei a proa de Guaratinguetá (SP), 47 quilômetros adiante.

Às 10h 15 abandonei a Alameda Francisco da Cunha Menezes, executei curva à direita em ângulo de 90° e ingressei na Rodovia SP - 171. O céu estava cheio de Sol.

Outro dia esplêndido para pedalar e apreciar o "outro lado" da Serra do Mar, ou seja, sua vertente ocidental, virada para a Serra da Mantiqueira, com o Vale do Paraíba a intervalá-las.

Segui pela Rodovia SP - 171, com asfalto de qualidade e [agora] acostamento bem pavimentado.

No trecho [de ontem] da SP - 171 entre a "virada" da serra e Cunha (SP), o acostamento é inexistente.

Pedalei sem tréguas por 23 quilômetros até o "Tudo na Roça", maravilhoso empório à beira do caminho. Saboreei uma chávena de café expresso com alguns pingos de leite. Que deleite.

Ao voltar à lida do pedal, constatei o Sol atingindo o zênite (meio-dia ou Sol a pino) e meu estômago clamava por víveres. Faltavam 28 quilômetros para Guaratinguetá (SP), palavra que na língua indígena quer dizer "terra das garças brancas".

Quando a Churrascaria da Serra passou no meu través sul, veio uma descida de 12 quilômetros. Trata-se da parte final da vertente ocidental da Serra do Mar.

Terminado esse descenso, pedalava pelo Vale do Paraíba. Não tardou a aparecerem os primeiros bairros periféricos de "Guará" e logo estava a passar sob a Via Dutra por meio de um pequeno mergulhão.

Às 13h 37 parei à porta do Kafé Hotel, local de ponto de carimbo no Passaporte Estrada Real. Orientado pelo funcionário que me atendeu, fui almoçar no Restaurante Minuano. Refeição deliciosa e fartas opções no *buffet*. Deixei a bike no bicicletário comunitário de frente ao Minuano e almocei tranquilamente.

Às 14h 14 passei pela rotatória das "garças brancas", que enfeitam o acesso à ponte sobre o Rio Paraíba do Sul.



**Foto: Fernando Mendes.**

Terminada a travessia da ponte sobre o Rio Paraíba do Sul, segui pela Avenida João Pessoa (tem ciclovia) até a Gruta Nossa Senhora de Lourdes **2**, que ficou à minha esquerda.

**2** - *A Gruta de Nossa Senhora de Lourdes é uma das Sete Maravilhas de Guaratinguetá (SP), e recebe diariamente turistas e peregrinos, que passam pelo circuito religioso do Vale do Paraíba. Ela [a Gruta] fica localizada ao lado do Memorial Filhas de Maria Auxiliadora.*

*Enquanto construía o Orfanato para meninas pobres de Guaratinguetá (SP), Monsenhor João Filippo colocou a construção sob a proteção de Nossa Senhora de Lourdes.*

*Para tal, o padre foi à França, de onde trouxe algumas pedras do mesmo local da aparição de Nossa Senhora de Lourdes.*

*As pedras foram depositadas aos pés da imagem da santa, num pequeno reservatório, no qual passa toda a água das bicas.*

**Disponível em:** <<https://guaratingueta.sp.gov.br/as-sete-maravilhas-de-guaratingueta-gruta-de-nossa-senhora-de-lourdes/>>. Acesso: 31/05/2022.

Ao chegar à Gruta atravessei a Avenida João Pessoa e segui pela Rua Alberto Barbeta, que se transforma em estrada local, ladeada por muitos condomínios de alto padrão.

Logo o "alto padrão" ficou para trás e a paisagem mudou drasticamente. Começou estrada em leito natural. Pedalava à luz rica daquela tarde esplendorosa nos Trópicos.

Cheguei à Colônia Piagui, fundada no final do século XIX por imigrantes europeus, destacando italianos, espanhóis e austríacos.

Parei para paçocas e Coca-Cola no último bar antes da Vila do Embaú Defronte a ele [o bar], um Marco da Estrada Real sinaliza "virar à esquerda". Ingressei num caminho largo, em leito natural, à semelhança da reta dos boxes de Interlagos.

De ambos os lados da senda, muitos bovinos; alguns mugiam, enquanto outros mastigavam capim em profusão.

Não tardou a [re] começar o asfalto numa estrada estreita, sinuosa, predominantemente plana e com pequeno movimento de veículos. A média horária voltou a subir.

A Mantiqueira me espreitava como um fiscal espreita os candidatos na sala de provas do ENEM.



**Foto: Fernando Mendes.**

Às 17h passei pela Indústria Química Orica Mantiqueira, virei à direita conforme indicação de um Marco da Estrada Real e cheguei à [outra] ponte sobre o Rio Paraíba do Sul, que dá acesso à cidade de Lorena (SP).

Excelente opção de pernoite para quem cansar antes de chegar à Vila do Embaú (SP) ou se estiver chovendo muito ou ambas as situações. Lorena (SP) é uma cidade muito agradável.

Restavam 29 minutos de luz natural. Não chovia e muito menos me sentia cansado. Toquei em frente.

Virei à esquerda e rumei para Vila do Embaú (SP), 22 quilômetros adiante, pedalando pela Estrada Municipal do Campinho, em leito natural.

Passei sob o pontilhão da BR - 459 e, a seguir, pela Escola de Engenharia de Lorena - USP. O ocaso naquele sábado [7 de maio], estava marcado para às 17h 29.

Às 18h 29, uma hora após o pôr do Sol, cheguei à Vila do Embaú, bairro de Cachoeira Paulista (SP) e hospedei-me no Motel Kokeluxe, o único estabelecimento para pernoite num raio de 20 quilômetros. A estalagem é simples, porém tem localização estratégica.

Depois de atravessar o Vale do Paraíba, o Kokeluxe fica a poucos quilômetros - uns 12 talvez - do início da subida (e que subida) da Serra da Mantiqueira, na direção de Passa Quatro (MG).

Após pedalar 87 quilômetros naquele segundo dia de jornada, pernoitar na Vila do Embaú foi garantia de descanso para encarar o dia seguinte.

No Sítio do Instituto estrada Real está registrado que a Vila do Embaú não oferece pernoite.

**A informação que se segue precisa ser atualizada.**

***"Caminhantes e cavaleiros precisam ficar atentos na Vila Embaú, distrito de Cachoeira Paulista - SP, pois não há opção de hospedagem".***

Disponível em:<<https://institutoestradaareal.com.br/roteiros-planilhados/caminho-velho/trecho/vila-embau-sp+passa-quatro-mg/>>.

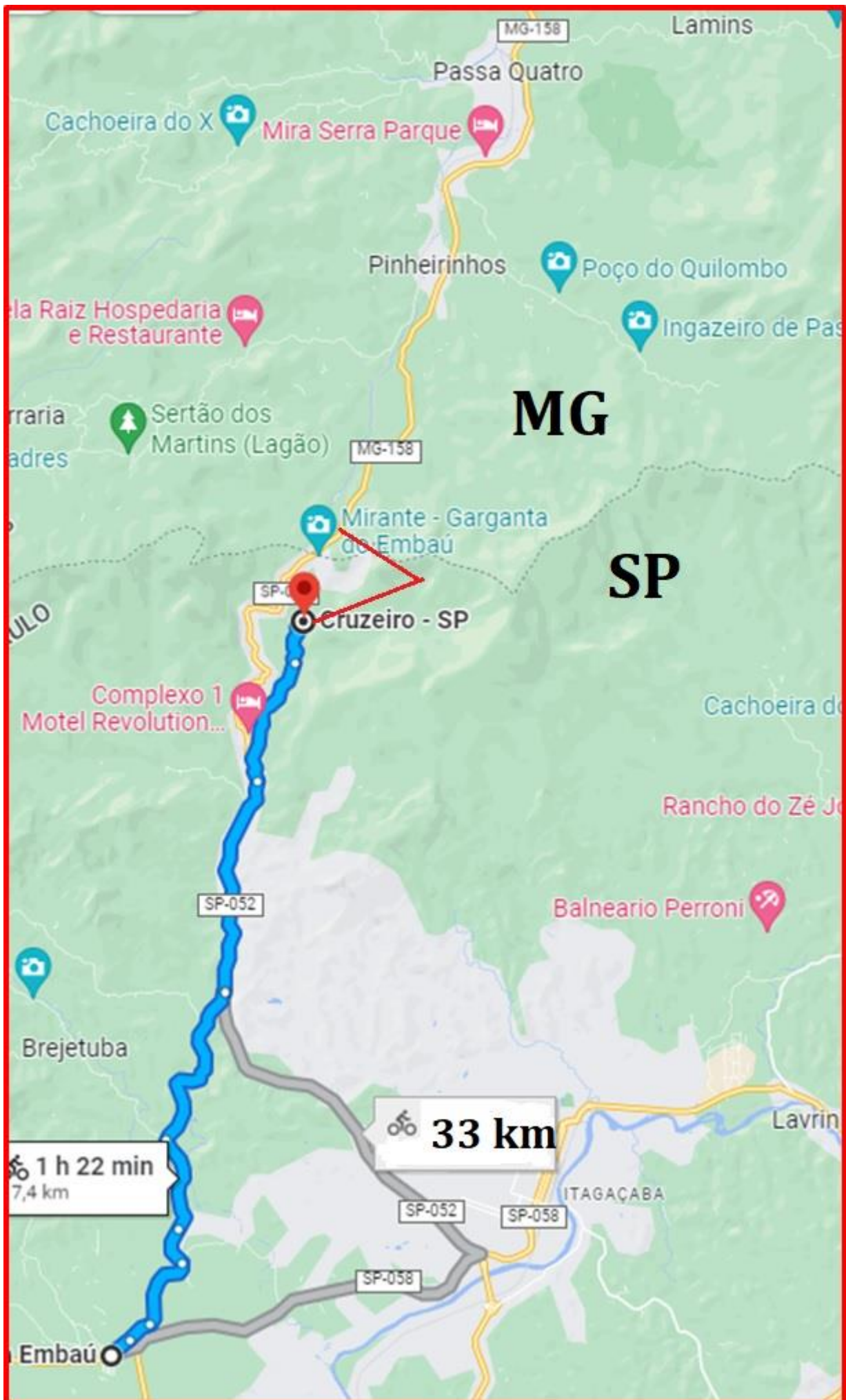
Acesso: 31/05/2022.

<b>CUNHA (SP) à VILA DO EMBAÚ (SP)</b>	
Distância percorrida	88,78 km
Calorias	2.110
Total subida	777 m
Total descida	1.140 m
Ritmo cardíaco médio (RMC)	102 bpm
Velocidade Média	14 km/h
<b>Dados obtidos Garmin Forerunner 310XT</b>	

Ouro Preto (MG) a 484,2 quilômetros.

---

<b>3º DIA</b>	<b>08/05/2022 - DIA DAS MÃES</b>
	<b>VILA DO EMBAÚ (SP) A PASSA QUATRO (MG)</b>
	<b>33,43 km</b>



Disponível em:<<https://www.google.com.br/maps>>.

Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).



**Fonte: minha página no sítio Wikloc (com adaptações)**

À primeira vista, a quilometragem frugal [33 km] daquele terceiro dia de viagem poderia tranquilamente ser percorrida em duas horas ou pouco menos. Eu disse, à primeira vista.

Basta uma espiada na altimetria do trecho e a ideia de percorrê-lo rapidamente se esfumaça.

Entre a saída da Vila do Embaú (SP) até o Bairro do Passa Vinte, foram oito quilômetros percorridos placidamente entre pequenas propriedades rurais, chácaras e ranchos.



**Ao fundo, a Mantiqueira.**





**Fotos: Fernando Mendes.**

Após degustar deliciosas paçocas no Bar do Bairro Passa Vinte e, a seguir, pedalar uns 400 metros, cheguei à Rodovia SP - 052, que liga Cachoeira Paulista (SP) à divisa SP/MG, na direção de Passa Quatro (MG).

Nas duas edições que fiz pelo Caminho Velho, entre Ouro Preto (MG) e Paraty (RJ), uma em 2011 e outra em 2015, desci de Passa Quatro (MG) a Guaratinguetá (SP) pela Rodovia SP - 052. À época, ignorei os Marcos da Estrada Real.

Nesta 3ª edição pelo Caminho Velho (2022) evitei subir os primeiros quilômetros da Mantiqueira pela Rodovia SP - 052. Fiz questão de conhecer a trilha, paralela à rodovia, em leito natural e que serpenteia a serra, num cenário maravilhoso, em meio à Mata Atlântica e bem longe do frenético trânsito de veículos na SP - 052.

A 1,6 quilômetro do Restaurante Entre Rios, situado às margens da SP - 052, segui a orientação de um Marco da Estrada Real indicando [à direita] uma trilha, até então, inédita para mim. Deixei o asfalto e ingressei num caminho em leito natural. Eram 11h.

Os primeiros três quilômetros foram fáceis. Solo bem compactado e caminho largo, com chácaras, casas para eventos, haras e áreas de pastagens. Trecho com quase imperceptível ascensão. Desconhecia o que me aguardava à frente.



**Fotos: Fernando Mendes.**

A partir do Sítio do Túnel, a coisa complica. Atravessei [desembarcado] um banhado que nem moto passa. Lama até as canelas. A seguir, o caminho inclinou absurdamente em ângulo

de subida. Valas e pedras soltas tornaram o pedalar impossível. E tome empurra bike morro acima.





**Fotos: Fernando Mendes.**

À medida que a qualidade do piso piorava, empurrar a bike ficava difícil, muito difícil. Com um par de alforjes que somavam 12 quilos, continuar o ascenso tornou-se um martírio.

E esse calvário estendeu-se por três intermináveis quilômetros. Quanto mais avançava, pior ficavam a inclinação e a qualidade do piso, com valas pronunciadas e muitas, muitas pedras soltas, do tamanho de melões.

Às 13h "brotaram" no caminho trilhos de trem, que outrora fizeram parte do ramal da Estrada de Ferro Minas e Rio, que ligava a antiga Capital Federal - Rio de Janeiro - ao Sul de Minas Gerais, passando Cachoeira Paulista (SP), Cruzeiro (MG), Passa Quatro (MG) e findava em Três Corações (MG), terra natal de Edison Arantes do Nascimento, o Pelé.

A vegetação cobre a extensão da linha férrea e quem resolver segui-la, vai chegar ao Túnel da Mantiqueira, divisor dos municípios de Cruzeiro (SP) e Passa Quatro (MG).

Conheço esse túnel e atravessei-o em duas ocasiões [a passos] e outra [2015] de bike, quando percorri o Caminho Velho de Ouro Preto (MG) a Paraty (RJ).

Portanto, tornou-se desnecessário ir até a entrada do Túnel da Mantiqueira no lado paulista. Obedeci a sinalização de um Marco da Estrada Real, que indicava direção oposta em relação aos trilhos.

E encarei 1,8 quilômetro de subida contínua, repleta de valas e pedras - agora do tamanho de melancias - até alcançar o mirante [1.200 m], onde está uma imagem de Nossa Senhora Aparecida sobre uma estrutura ladeada por dois cruzeiros.



**Foto: Fernando Mendes.**

Trata-se de um mirante do qual se avista o Vale do Paraíba lá embaixo e é possível divisar as cidades de Cruzeiro (SP), Cachoeira Paulista (SP) e Lavrinhas (SP). Eram 13h 47. O

estômago clamava por almoço. Estava famélico. Foram 2 horas e 47 minutos para percorrer 6 quilômetros de trilha.





**Fotos: Fernando Mendes.**

A partir desse mirante, São Paulo (SP) ficou para trás e ingressei em Minas Gerais (MG), o Estado brasileiro com maior número de municípios. Totalizam 853.

Roraima (RR) abriga o menor número de municípios: apenas 15.



**Fotos: Fernando Mendes.**

À esquerda desse portal de boas-vindas às Terras Altas da Mantiqueira, há um posto de combustíveis com imenso restaurante. Contudo foi impossível almoçar naquele estabelecimento.

A fila para pegar o prato e servir-se no *buffet* chegava ao acostamento da Rodovia MG - 158. Era Dia das Mães. Por isso a muvuca no estabelecimento. Pelo adiantar da hora, somado à confusão no recinto, desisti do repasto naquele dia.

Um Marco da Estrada Real, dentro desse posto de combustíveis, indica uma descida que dá acesso ao Bairro do Registro, em Passa Quatro (MG). Uma placa aponta a direção do Túnel da Mantiqueira e da Estação Coronel Fulgêncio.





**Fotos: Fernando Mendes.**

Aos finais de semana e feriados, a Locomotiva nº 332, da marca Baldwin, fabricada nos EUA em 1929, faz um percurso de 10 quilômetros, saindo da Estação de Passa Quatro (MG) indo à entrada do Túnel da Mantiqueira e voltando [10 km] à Estação de Passa Quatro (MG).

Em 2011, quando fiz a 1ª edição da Estrada Real - Diamantina (MG) a Paraty (RJ) -, embarquei nesse passeio. Deveras interessante.

Em 2015, ocasião na qual percorri a Estrada Real de Ouro Preto (MG) a Paraty (RJ), atravessei os 997 metros do Túnel da Mantiqueira empurrando a bike. Ao terminar a travessia, estava no município de Cruzeiro (SP).

Os fantasmas que habitam o interior da galeria (túnel) são amigáveis.

Terminada a visita ao Túnel e à Estação, segui na direção de Passa Quatro (MG), tendo os trilhos e os Marcos da Estrada Real como referências.

Às 16h, *check-in* na Pousada São Rafael. Estada maravilhosa. Carimbo no Passaporte.





**Igreja de São Sebastião em Passa Quatro (MG).**

**Fotos: Fernando Mendes.**

Até às 18h fiquei no quarto assistindo ao jogo do meu Fluminense X Palmeiras, que terminou 1 a 1. Empate com gosto de vitória para os tricolores.

Saí para jantar, uma vez que dancei no almoço. Quebrei a cara pela segunda vez. O único estabelecimento aberto naquele domingo foi um bar. Contentei-me com alguns petiscos. Pelo menos a cerveja estava gelada.

Um vento frio, sibilante e desagradável, desceu da Mantiqueira e derrubou a temperatura. Voltei à pousada, cobertor e TV ligada até o sono chegar, coisa que não tardou a acontecer. Os parques 32 quilômetros daquele domingo, Dia das Mães, foram difíceis e, por extensão, não tiveram nada de parques.

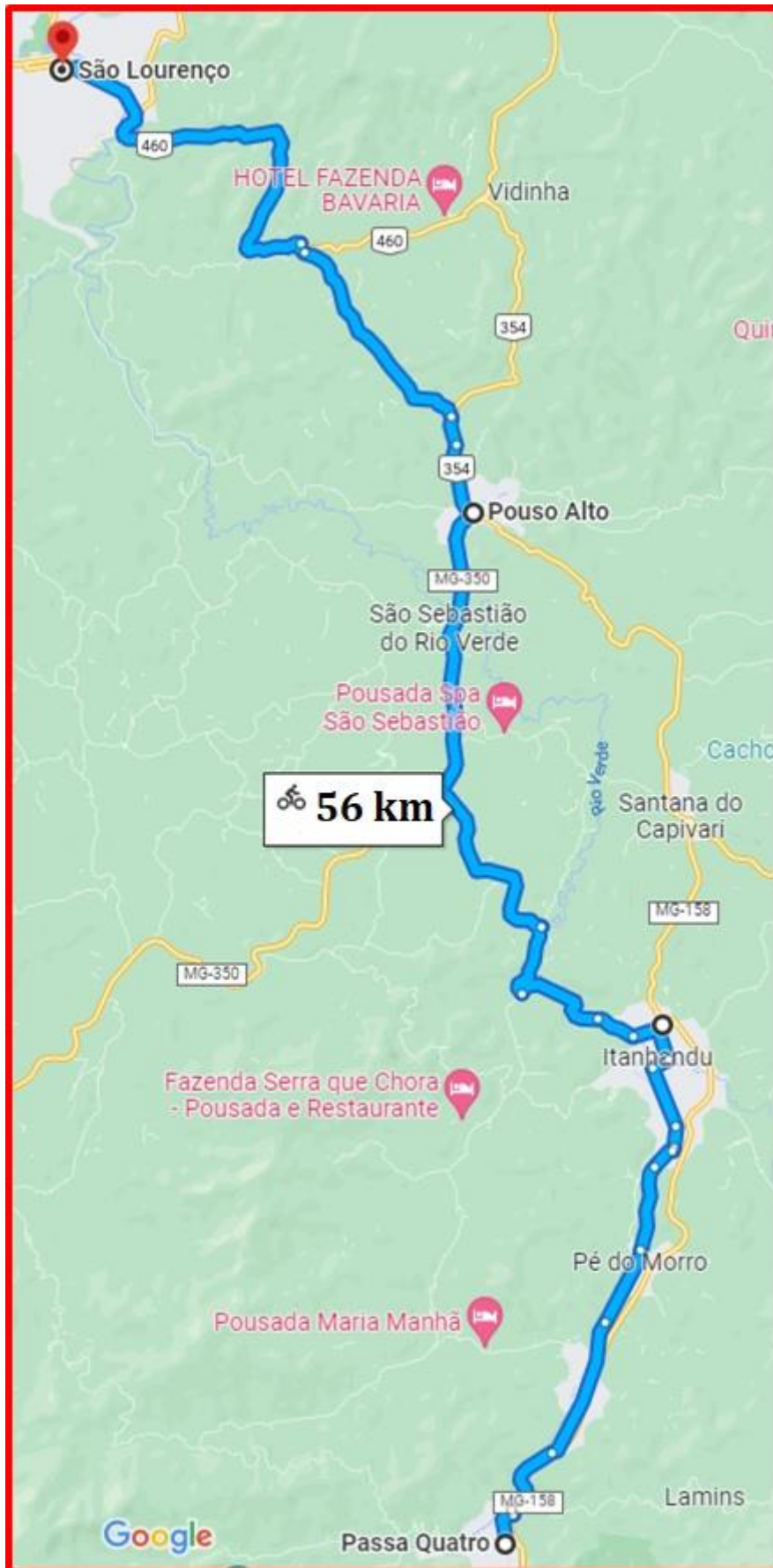
<b>VILA DO EMBAÚ (SP) A PASSA QUATRO (MG)</b>	
Distância percorrida	33,43 km
Calorias	825
Total subida	874 m
Total descida	489 m
Ritmo cardíaco médio (RMC)	123 bpm

Velocidade Média	9,6 km/h
<b>Dados obtidos Garmin Forerunner 310XT</b>	

Ouro Preto (MG) a 450,59 quilômetros.

---

<b>4º DIA</b>	<b>09/05/2022</b>
	<b>PASSA QUATRO (MG) A SÃO LOURENÇO (MG)</b>
	<b>56,37 km</b>



Disponível em:<<https://www.google.com.br/maps>>.  
Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).

## Estrada Real - Caminho Velho

56 km

 414 m  455 m



Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.

Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).

O pequeno almoço (café da manhã em Portugal) da Pousada São Rafael é digno de extensos elogios. Ciente de que a jornada daquele 4º dia - em particular no trecho entre Pouso Alto (MG) e São Lourenço (MG) - seria [como de fato foi] bastante desgastante, tratei de aproveitar das delícias servidas à mesa logo cedo e alimentei-me com dignidade.

Às 9h 30 encontrava-me diante da Estação Ferroviária de Passa Quatro (MG) para [mais] registros fotográficos.





**Estação Ferroviária de Passa Quatro (MG).**  
**Fotos: Fernando Mendes.**

Às 9h 39, tendo a Igreja de São Sebastião à minha esquerda, iniciei o quarto dia de pedal quicando nos paralelepípedos da Rua Tenente Viotti.

Esse incômodo piso para pedalar estendeu-se até o Colégio São Miguel, ponto a partir do qual começou o leito natural, que se manteve assim por 11 minguidos quilômetros, até Itanhandu (MG), percorridos em terreno predominantemente plano. "Fácil, extremamente fácil".



**Trecho entre Passa Quatro (MG) e Itanhandu (MG). Ao fundo, a Mantiqueira encoberta nas partes baixas ou gargantas.**

## **Foto: Fernando Mendes.**

Às 11h estava defronte à Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição em Itanhandu (MG), palavra da língua Tupi que significa "ema de pedra".





**Estação Ferroviária de Itanhandu (MG).**  
**Fotos: Fernando Mendes.**

A linha férrea que passa por Itanhandu (MG) faz parte da extinta Estrada de Ferro Minas - Rio, fundada em 1884 e que operou até 1983, quando foi desativado o trecho Cruzeiro (SP) - Itanhandu (MG) - Passa Quatro (MG) - Três Corações (MG).

Atualmente, a única etapa ativa da falecida Minas - Rio fica entre a Estação Ferroviária de Passa Quatro (MG) e a entrada do Túnel da Mantiqueira. Passeio turístico.

Às 11h 49 apontei a proa da *bike* na direção de São Sebastião do Rio Verde (MG), 12 quilômetros à frente, percorridos em leito natural e onde, outrora, correram os trens da Ferrovia Minas - Rio. Ou seja, pedalava sobre um antigo leito ferroviário à semelhança da Bahiminas (\*).

(\*) entre os dias 22 e 31/08/2021, percorri [de bike] os 577 quilômetros da extinta Estrada de Ferro Bahia - Minas, a Bahiminas, que ligou, por 84 anos, Araçuaí (MG), no Vale do Jequitinhonha, à pacata Ponta de Areia, distrito de Caravelas, litoral sul da Bahia.

Há relato neste Blog.

Apareceram os primeiro cortes nas rochas, dando a impressão exata de quão espremida a estrada ficava entre duas velhas formações sedimentares pelas quais o trem parecia "encolher" para atravessá-las. Impressão de que, a qualquer momento, ouviria, varando o ar, o apito da velha Maria Fumaça.



**Antigo leito ferroviário da Estrada de Ferro Minas - Rio.**  
**Fotos: Fernando Mendes.**

Aos poucos, o caminho foi ficando largo e nos flancos apareceram áreas de pastagens. Ao fundo, o colosso da Mantiqueira.



**Fotos: Fernando Mendes.**

Nove quilômetros após a saída de Itanhandu (MG) cheguei ao asfalto da Rodovia MG - 350, defronte à Fazenda Retiro. Segui à direita na direção de São Sebastião do Rio Verde (MG) e, a seguir, Pouso Alto (MG).

O cronômetro do GPS devorava os dígitos enquanto meu estômago clamava por víveres. Eram 13h. Almoçaria em São Sebastião do Rio Verde (MG) ou, na pior das hipóteses, em Pouso Alto (MG). A ver.

Mas em São Sebastião os poucos restaurantes existentes não estavam servindo almoço. Conforme escutei em três deles, ao perguntar se havia refeição, a resposta foi categórica: "acabou"!

Fiz um *tour* fotográfico pelos arredores da Igreja Matriz e da Estação Ferroviária da extinta Minas - Rio, inaugurada em 1884.

*A sede da hospitaleira cidade, situada em suave colina às margens do Rio Verde, compreende casario edificado em estilo eclético, ao final do século XIX e início do XX, em grande parte*

*construída por imigrantes italianos, e outros exemplares mais antigos, alguns em estilo colonial.*

**Disponível em: <<https://www.caminhareligiosodaestradaareal.com/sao-sebastiao-do-rio-verde-mg/>>. Acesso: 31/05/2022.**



**Igreja Matriz São Sebastião do Rio Verde. Foto: Fernando Mendes.**



**Fotos: Fernando Mendes.**

Às 14h 11 segui para Pouso Alto (MG), 2,6 quilômetros à frente ou 1,7 milha romana (**uma milha romana valia à época do Império 1.480 m - uns mil passos**).

Acalentava, embora sem muitas esperanças, o desejo de almoçar. Não logrei êxito. Entendi que nessas localidades menores, as pessoas almoçam cedo porque acordam ao primeiro canto do galo.

Contentei-me com duas coxinhas numa lanchonete no perímetro urbano de Pouso Alto (MG). Eram 14h 32. Faltavam 16 quilômetros para São Lourenço (MG).



**Chegada a Pouso Alto (MG).**  
**Foto: Fernando Mendes.**

Terminado o lanche, pedalei dois quilômetros pelo perímetro urbano de Pouso Alto (MG), cortado pela Rodovia BR - 354. Defronte à Cachaça Paraíso, atravessei a 354 e tomei o rumo de São Lourenço (MG), por caminho em leito natural, sob um céu azul e sem nuvens.

Ao entrar numa comunidade, a Estrada Real faz forte curva à esquerda e a senda empina honestamente para cima por exatos três quilômetros. Foi a única subida cascuda do dia. E que subida.

Eram 15h. Ainda restavam pouco mais de duas horas de luz natural.



**Fotos: Fernando Mendes.**

A paisagem rural transmite paz e tranquilidade. A atividade predominante é a pecuária, mas observei pequenos sítios (ou chácaras - nunca soube a diferença entre ambos), além de pequenos empórios, que atendem às demandas das comunidades perfiladas ao longo do caminho.

Em certo ponto do trajeto, a Estrada Real interceptou caminho que em do sul, me fazendo girar 90° à direita, quando passei a pedalar no rumo norte, paralelamente ao Rio Verde. São Lourenço (MG) não tardou a aparecer em meu campo visual.

Cheguei à cidade das águas minerais às 17h, faltando meia hora para o ocaso.



**Fotos: Fernando Mendes.**

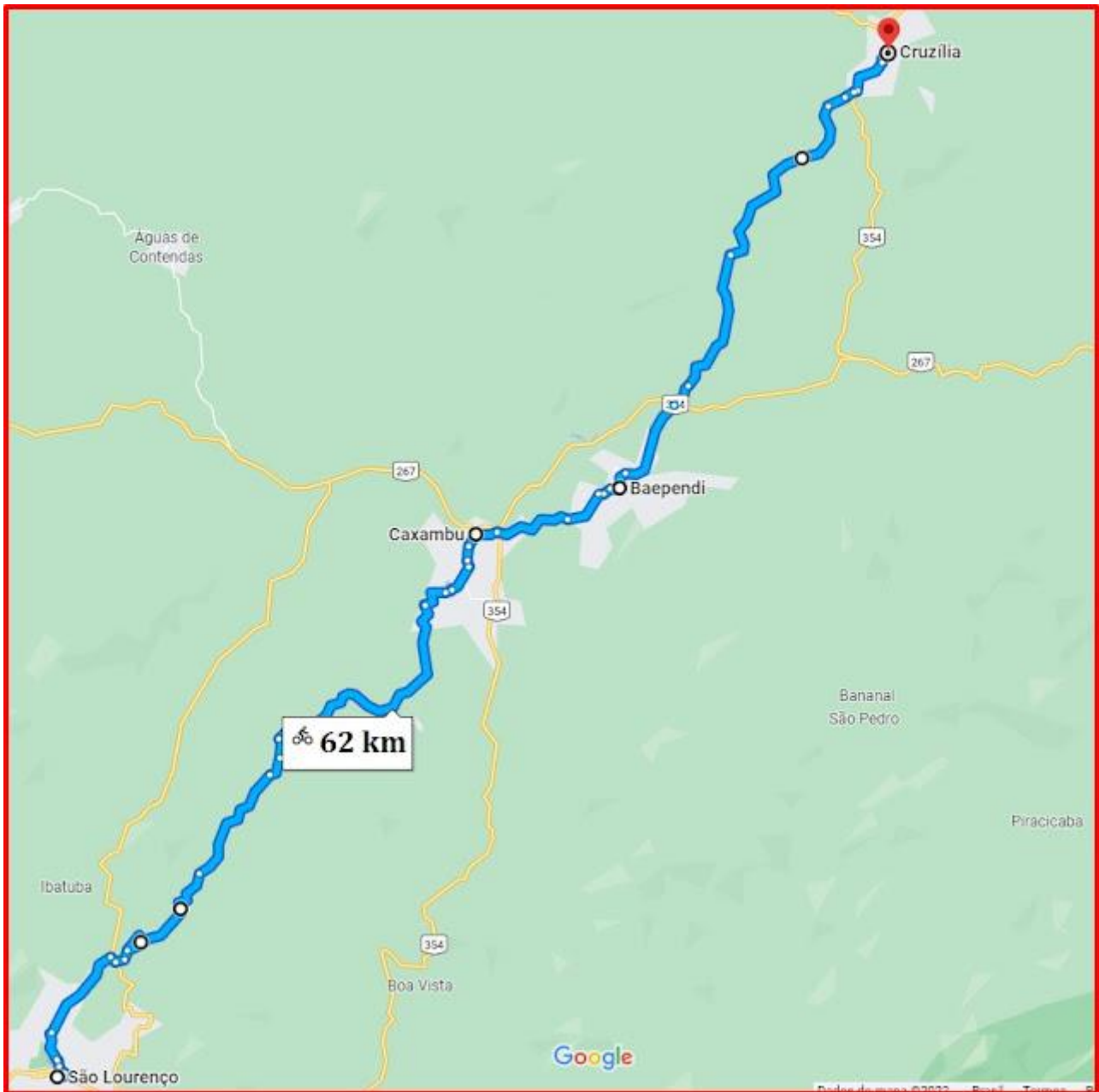
Atravessei São Lourenço (MG) em meio ao trânsito caótico de fim de tarde. Hospedei-me na Pousada Santo Antonio, vizinha à Estação Ferroviária da cidade, ponto de partida para o dia seguinte.

Pelo menos o jantar foi garantido em restaurante adjacente à hospedaria. Que delícia de refeição, regada a algumas tulipas de Chope Ecobier. Não conhecia. Recomendo experimentar.

Ouro Preto (MG) a 394,22 quilômetros.

<b>PASSA QUATRO (MG) A SÃO LOURENÇO (MG)</b>	
Distância percorrida	56,37 km
Calorias	1.390
Total subida	680 m
Total descida	735 m
Ritmo cardíaco médio (RMC)	96 bpm
Velocidade Média	10,2 km/h
<b>Dados obtidos Garmin Forerunner 310XT</b>	

<b>5º DIA</b>	<b>10/05/2022</b>
	<b>SÃO LOURENÇO (MG) A CRUZÍLIA (MG)</b>
	<b>62,98 km</b>



Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.  
Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).



## Estrada Real - Caminho Velho

62 km

↑ 793 m · ↓ 601 m



Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.  
Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).





**Fotos: Fernando Mendes.**

Antes de partir rumo a Caxambu (MG), 26 quilômetros à frente, uma visita à Estação Ferroviária de São Lourenço (MG) que, a exemplo da Estação Ferroviária de Passa Quatro (MG), está em excelente estado de conservação e promove passeios turísticos, entre São Lourenço (MG) e Soledade de Minas (MG), aos finais de semana e feriados.

Às 9h 49, contornei a Praça da Estação, atravessei os trilhos da extinta Minas - Rio e segui por três quilômetros - sempre subindo - transpassando diversos bairros periféricos até interceptar ortogonalmente (90º) a BR - 460 e continuar subindo, agora em leito natural, na direção (ou proa) de Caxambu (MG).

Previa-se um dia quente e azul, com poucas nuvens e temperatura em 22°C. O melhor dos mundos para pedalar. O Sol, redondo e implacável, me observava do alto.

O trecho da Estrada Real entre São Lourenço (MG) e Caxambu (MG) é bastante bucólico. Extensas áreas de pastagens têm como vizinhos pequenas chácaras, pesqueiros e estâncias para finais de semana.





**Fotos: Fernando Mendes.**

Faltando 10 quilômetros para Caxambu (MG), ou 5,31 milhas romanas, a Estrada Real "deságua" noutra estrada e, a partir daquele ponto, elas seguem sobrepostas.

Trata-se do antigo leito ferroviário da Ferrovia Minas - Rio que, em descenso suave - porém contínuo -, levou-me à portaria do Parque das Águas de Caxambu (MG), sem necessidade de pedalar.



**Parque das Águas em Caxambu (MG).**  
**Foto: Fernando Mendes.**

No guichê de venda dos ingressos para acesso ao Parque, o Passaporte da Estrada Real foi carimbado e, em seguida, saí à procura de um restaurante para almoçar. Eram 13h 34.

Às 14h 30, após deliciosa refeição, tomei o rumo de Baependi (MG), 8,43 quilômetros adiante, percorridos em calçamento de paralelepípedos, à semelhança de algumas estradas romanas (em latim *Romanae viae*).

Muitas *Romanae viae* sobreviveram por milênios. Algumas foram "sepultadas" por caminhos asfaltados.

**"A extraordinária grandeza do Império Romano se manifestou, sobretudo, em três coisas: os aquedutos, as estradas pavimentadas e a construção dos esgotos."**

**Dionísio de Halicarnasso , Ant. ROM. 3, 67, 5.**

**Fonte:** Quilici, Lorenzo (2008): "Land Transport, Part 1: Roads and Bridges", em: Oleson, John Peter (ed.): *The Oxford Handbook of Engineering and Technology in the Classical World* , Oxford University Press, Nova York, ISBN 978-0-19-518731-1 , pp. 551-579.

Caxambu (MG) e Baependi (MG) uniram-se em decorrência do crescimento horizontal de ambas, a ponto de os limites físicos entre ambas desaparecerem. Esse fenômeno urbano, comum em toda a Terra, chama-se **conurbação**.

Baependi **3** (*Mbaé-pindi*) significa "clareira aberta" ou "muitos caminhos dependurados", uma referência à quantidade de caminhos partindo daquela região.

**3** - *A cidade é remanescente do chamado ciclo do ouro (1697 - 1810) em Minas Gerais.*

*Baependi (MG) desenvolveu-se ao longo da Estrada Real - o primeiro importante meio de comunicação regular no Brasil, que ligava as minas ao porto de Paraty (RJ), de onde o ouro era enviado para Portugal.*

**Disponível em:** <<http://www.baependi.mg.gov.br/site/historia/>>.

**Acesso: 31/05/2022.**

Impossível passar por Baependi (MG) e não ouvir louvores e glórias à Nhá Chica **4**.

**4** - *Francisca de Paula de Jesus, a Nhá Chica, nasceu em São João del Rei (MG) em 1810.*

*Filha da escrava Izabel Maria que, depois de ganhar a liberdade (1820), decidiu se mudar para Baependi.*

*Nhá Chica dedicou sua vida à fé e decidiu ajudar os pobres a pedido de sua mãe.*

*Recusou todas as propostas de casamento apresentadas a ela.*

*Usou a herança deixada pelo irmão para aumentar seu trabalho social e começar a construção de uma capela mariana. As doações foram usadas como um meio para ela construir o "Santuário de Nossa Senhora da Conceição".*

*Apesar de analfabeta e empobrecida, Nhá Chica acolheu os necessitados em seu novo lugar e ficou conhecida como "Mãe dos Pobres".*

*Ela morava em um humilde casebre de dois cômodos e construiu um pequeno altar enfeitado com rosas.*

*Era conhecida por dar atos de conforto e cura espiritual àqueles que a visitavam.*

*Em 8 de julho de 1888, redigiu um testamento no qual decidiu deixar todos os seus bens para sua paróquia. Estabeleceu a distribuição entre os pobres.*

*Ela também descreveu como queria o funeral, bem como o número de missas celebradas por sua alma.*

*Nhá Chica morreu em 14 de junho de 1895. Foi sepultada em sua capela quatro dias depois.*

*Há relatos que havia um cheiro incomum de perfume quando foi enterrada e igual odor foi sentido, por ocasião da abertura de seu caixão, em 18 de junho de 1998, 103 anos depois de seu sepultamento.*

*Sua beatificação foi celebrada no Brasil em 2013 e isso fez dela a primeira mulher afro-brasileira a ser beatificada.*

**Disponível em:< <https://www.nhachica.org.br/sobre-a-nha-chica-historia.php>>.  
Acesso: 31/05/2022.**

Quantas vezes passar por Baependi (MG), fotografarei a Igreja de Nossa Senhora de Montserrat, construída em 1754.

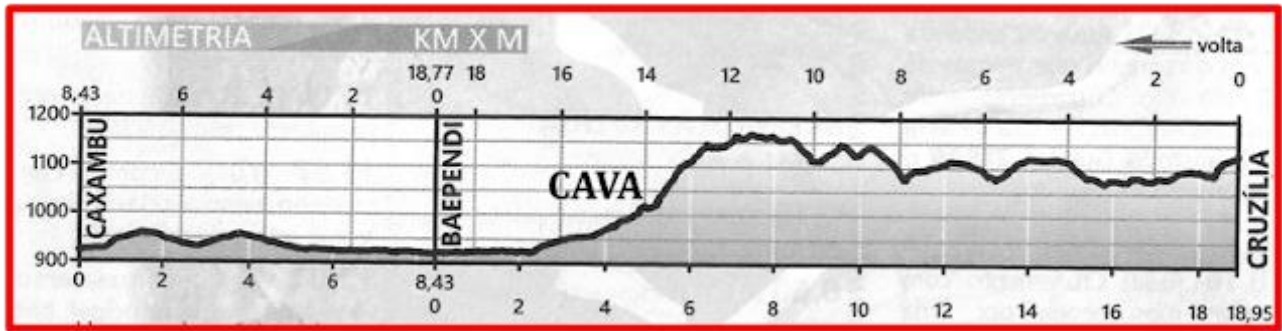




**Igreja de Nossa Senhora de Montserrat construída em 1754.  
Fotos: Fernando Mendes.**



**Avenida JK ou Rua da Ponte. Baependi (MG).  
Fotos: Fernando Mendes.**



**Fonte: Estrada Real: Caminho Velho/Antonio Olinto & Rafaela Asprino, 3ª ed. - São Paulo 2021, p. 72.**

Às 15h 46 deixei Baependi (MG) para trás, dando início à etapa mais difícil daquele quinto dia de aventura: chegar a Cruzília (MG). Foram 24 quilômetros que deveriam ter sido percorridos em pouco mais de 1 hora e meia. Deveriam!

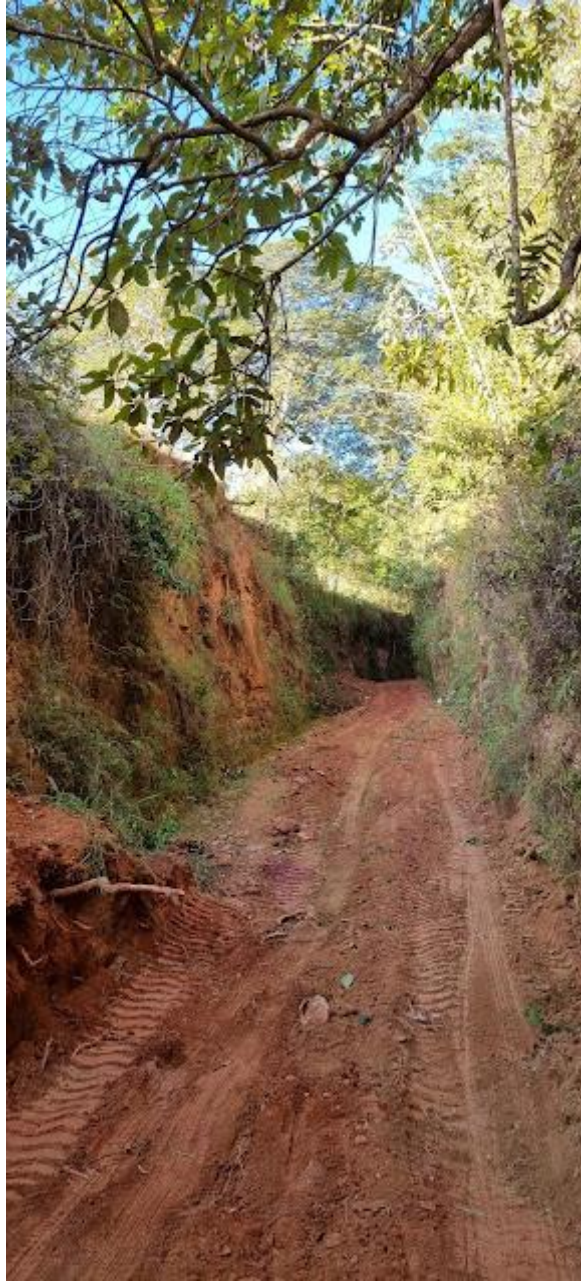
E veio um trecho deveras interessante e bastante esperado: uma **cava**. Trata-se de um afundamento no leito do caminho, consequência do trânsito frenético [no passado] de tropeiros e [hoje] de veículos leves e pesados. Resultado: pedalava espremido entre as paredes criadas pelo rebaixamento do piso da estrada.

As árvores que flanqueiam o caminho ficaram acima do leito e as raízes expostas dão um ar lúgubre (sinistro) à travessia, feita em ascensão contínua por cinco quilômetros, iniciada na cota 900 m e findada na cota 1.150 m. Para 1 quilômetro pedalado, subia 50 metros.



















**Fotos: Fernando Mendes.**

Foi a 4ª vez (\*) que por ali pedalei e a impressão é que o caminho continua a afundar.

(*)
Maio 2011 - Diamantina (MG) a Paraty (RJ)
Junho 2014 - Conceição do Mato Dentro (MG) a São Lourenço (MG)
Julho 2015 - Ouro Preto (MG) a Paraty (RJ)
Maio 2020 - Paraty (RJ) a Ouro Preto (MG)

Quando terminei de subir a cava, o relógio do navegador, preso ao guidão da *bike*, marcava 17h. O Sol oblíquo e batendo em retirada, fugia na direção oeste. Restavam-me menos de 30

minutos de luz natural. Não foi preciso grande esforço para concluir que a chegada a Cruzília (MG) ocorreria (como de fato ocorreu) sob o manto da noite.

Precisava seguir. "*O tempo não para no porto, não apita na curva e não espera ninguém*", como diz a canção de Reginaldo Bessa. Era necessário não perder tempo; a caminho!

Por volta das 17h 50 registrei as últimas claridades no oeste enquanto me vi diante de uma encruzilhada, feito um brasão de armas e desfalcada do Marco da Estrada Real a informar qual a direção seguir. E agora?

Fiquei oscilante feito uma chama, sem saber se realmente poderia confiar na minha intuição.

E fez-se um longo silêncio. Um silêncio sem fundo.



**Fotos: Fernando Mendes.**

Fiquei a esperar a passagem de carros ou motos. Nada. A luz natural se acabando e ninguém passava para informar-me qual o rumo para Cruzília (MG). A noite, serena, começou a liberar estrelas, que se uniram à reunião.

Decidi continuar pelo caminho mais largo e solo compactado. Eram 18h quando prossegui, mal sabendo que optei pela rota mais longa - não necessariamente errada -, constatada após chegar a Cruzília (MG).

Acionei as luzes e sinalizadores do capacete e acendi apenas um farol. Poupei o segundo, caso o périplo se estendesse demais.

Pedalava sob um manto magistral de estrelas. A Lua, em fase Crescente, jogava fraca luz pelo caminho. Uma Kombi escolar, que levava crianças de volta às suas casas, pareceu-me uma tábua de salvação.

O motorista falou-me que eu estava na direção de Cruzília (MG), embora percorrendo caminho mais longo. Naquela altura dos acontecimentos, voltar à bifurcação na qual optei pelo caminho "errado", seria insano.

Jamais conseguiria identificar de onde vim, principalmente depois de algumas conversões às cegas. Porém não apareceram indicações ou referências que ratificassem que eu estava no caminho - mesmo mais longo - certo.

À semelhança dos cães Napoleão e Lafayette, aqueles trapalhões do desenho Aristogatos, ouvi, a larga distância, o barulho de uma moto. Aguardei.

Em meio ao breu, fiz sinal ao motoqueiro para que parasse. Disse-me que dois quilômetros [ou pouco mais] à frente, pendurado num bambuzal, eu encontraria/veria uma placa - que de fato encontrei e visualizei - indicando Cruzília (MG) à direita e logo chegaria - como de fato cheguei - ao asfalto e placas me mostrariam - como de fato mostraram - o rumo da cidade.

Entendi perfeitamente as informações, agradei e continuei seguindo. Via as luzes de Cruzília (MG), ainda bruxuleantes, a distância muito grande, talvez uns cinco quilômetros e percebi que estava circundando a cidade.

Podia vê-la, lá embaixo, dentro de um buraco fundo, mas não conseguia encontrar (ou chegar) ao acesso que me levasse até a área urbana.

Parei um caminhão e o motorista me informou que a 1,5 quilômetro eu chegaria - como de fato cheguei - a um trevo com as indicações necessárias. Bingo! Consegui. Eram 20h 15.

Por 2 horas e 45 minutos, pedalei - aparentemente - no rumo certo, porém pelo caminho mais longo e sem referências ou indicações. Louvados aqueles que me ajudaram.

Cruzília (MG) é o berço do Cavalo Manga Larga Marchador, resultado do cruzamento do Álder Real, puro sangue português, com éguas da região, originando a famosa raça equina brasileira.

Deixei a *bike* e demais haveres no Hotel Real e parti a passos para o Lelinho's Restaurante e Pizzaria. Meu preferido na cidade de Cruzília (MG). **5**

**5** - *Um dos primitivos nomes da localidade foi São Sebastião da Encruzilhada (1858). Cruzília – “Terra da Cruz”.*

*Nome originário do fato de o povoado localizar-se ao lado da encruzilhada formada por duas importantes estradas no período colonial, que ligavam os municípios de São João Del Rei (MG) e Aiuruoca (MG) e Rio de Janeiro (RJ) às regiões auríferas da Capitania de Minas Gerais.*

*Os primeiros habitantes da região foram os faiscadores que exploraram o ouro de aluvião encontrado nas encostas de morros às margens de córregos da localidade.*

*Provavelmente vieram da província de São Paulo.*

*Ainda hoje, constituem testemunhas da presença daqueles desbravadores das várias escavações existentes no território municipal.*

*Passada a fase da mineração de ouro, chegaram [a Cruzília – MG] os primeiros agricultores e senhores de escravos.*

**Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – Volume XXIV ano 1958.**

O pedal tenso somado à expectativa de chegar deixaram-me com fome e sede avassaladoras.

Devidamente alimentado e hidratado, voltei ao Hotel Real, fiz o *check-in*, banho e cama, exatamente nessa ordem.

Sonhei que minha bike havia sido furtada da garagem da hospedaria.

<b>SÃO LOURENÇO (MG) A CRUZÍLIA (MG)</b>	
Distância percorrida	62,98 km
Calorias	1.751
Total subida	1.166 m
Total descida	972 m
Ritmo cardíaco médio (RMC)	103 bpm
Velocidade Média	10,2 km/h
<b>Dados obtidos Garmin Forerunner 310XT</b>	

Ouro Preto (MG) a 331,24 quilômetros.

---

<b>6º DIA</b>	<b>11/05/2022</b>
	<b>CRUZÍLIA (MG) A CARRANCAS (MG)</b>
	<b>61,31 km</b>



Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.  
Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).



Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.  
Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).

Noite dos horrores. Pesadelo e muito, muito frio, que esteve por toda parte, parecendo me abraçar. Mas quando o orto solar - programado para aquele 11 de maio de 2022 para às 6h 22 - aconteceu, estava a caminho do refeitório para o pequeno almoço.

Pedi à atendente da recepção que, por favor, ligasse a TV para assistir ao que ia pela Pátria.

Desde a saída de Paraty (RJ), há seis dias, não me inteirava dos assuntos nacionais e internacionais. Encerrado o noticiário da Globo - "Hora 1" -, "*tudo como dantes no quartel de Abrantes*". (\*)

(\*) *A frase (...) surgiu no início do século XIX, com a invasão de Napoleão Bonaparte à Península Ibérica.*

*Portugal foi tomado pelas forças francesas, porque demorou a obedecer ao Bloqueio Continental, imposto por Napoleão, que obrigava o fechamento dos portos a qualquer navio inglês.*

*Em 1807, uma das primeiras cidades invadidas pelo general Jean Androche Junot, braço-direito de Napoleão, foi Abrantes, a 152 quilômetros de Lisboa, na margem direita do rio Tejo. Lá instalou seu quartel-general e, meses depois, se fez nomear Duque d'Abrantes.*

*O general Jean Androche Junot encontrou Portugal à deriva, praticamente sem governo, pois o príncipe-regente, dom João VI e toda a corte portuguesa, fugiram para o Brasil. Durante a invasão, ninguém em Portugal fez menção em se opor ao Duque d'Abrantes, ou seja, ao General Junot.*

*A tranquilidade com que ele [Junot, o Duque] se mantinha no poder provocou o dito irônico. A quem perguntasse como iam as coisas, a resposta era sempre a mesma:*

*“Está tudo como dantes no quartel d’Abrantes”.*

*Até hoje se usa tal frase para indicar que **nada mudou**.*

**Disponível em:** < <https://www.dm.com.br/opiniaio/2017/05/esta-tudo-como-dantes-no-quartel-de-abrantes/>>. **Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).**

A etapa Cruzília (MG) a Carrancas (MG) é dividida em duas partes distintas: na primeira, de Cruzília (MG) à Fazenda Traituba [33 quilômetros], a altimetria é predominantemente em descenso, embora o piso da estrada, apesar de compactado, esteja repleto de costelas bovinas; na segunda parte [30,31 quilômetros], as costelas e a compactação solo permanecem, todavia a altimetria judia, principalmente nos oito quilômetros finais. Estrada

Real é isso: **ou não se vai ou, quando se vai, se sabe ao que se vai.**

A saída de Cruzília (MG) é feita pela BR - 383, asfaltada e com bom acostamento. Vencidos quatro quilômetros divisei, à esquerda, um Marco da Estrada Real sinalizando (ou orientando) o caminho, em leito natural, até Traituba (1ª parte). Eram 9h 40.

De acordo com a sinalização vertical (placas e Marcos), iniciei a jornada daquele 6º dia de pedal pelo Caminho Velho da Estrada Real.

O dia estava radiante. Céu claro, poucas nuvens e Sol enchendo o caminho de luz e calor, depois de uma noite bastante gelada. Meu termômetro portátil assinalava, naquele começo do primeiro trecho, tímidos 16º C.









A partir de Cruzília (MG) deu-se a transição da Serra da Mantiqueira para a Serra do Espinhaço e da Mata Atlântica para o Cerrado.

Intervalando essas duas paisagens vegetais, atravessei floresta de araucárias, eucaliptais, plantações de soja e pastagens que parecem tocar o horizonte de tão extensas. Tudo à minha volta era um verde quieto.

O Espinhaço, lento e exaustivamente trabalhado pelo pai tempo, recém-chegado aos meus pavilhões oculares, pouco a pouco, mostrava-me seus contornos mais rugosos e um brilho polido de pedra preciosa, mesmo que a grande distância. O céu estendia o seu azul do começo ao fim. Pedalava sob um sol rutilante. Que espetáculo.

Uma variedade de atividades econômicas ao longo do caminho, justificadas pelo cascudo movimento de caminhões, no vai e vem com toras de eucaliptos, deixava uma cortina de poeira, impossibilitando, por alguns segundos, enxergar coisa alguma à frente. Cof, cof, cof.

Lembrei-me da canção "Sorte Grande, de Lourenço Olegário dos Santos Filho e popularizada na voz de Ivete Sangalo.

*"Poeira,  
Poeira,  
Poeira,  
Levantou poeira".*

E fazendo concorrência com as carretas carregadas com toras de eucaliptos, caminhões transportando cavalos e éguas (Manga Larga Marchador), levados aos haras que abundam pelo caminho, também contribuíram [sobremaneira] para levantar mais e mais poeira.

Às 12h 49, ou seja, 3 horas e 9 minutos após a saída de Cruzília (MG), cheguei à Fazenda Traituba 6 que, infelizmente, encontra-se fechada.

Outrora, a herdade funcionava como pousada e restaurante. Hoje, nem uma coisa e nem outra. Está à venda.





**Fazenda Traituba, um dos berços dos Cavalos Manga Larga Marchadores.  
Fotos: Fernando Mendes.**

**6** - Desde o começo do século XIX, estas terras eram de propriedade do Sr. João Pedro Diniz Junqueira, amigo da Corte, que sempre recebia a visita de S.M. I o Imperador D. Pedro I, primeiro Imperador do Brasil de 1822 até sua abdicação em 1831.

*O Imperador dava escapadas do Rio de Janeiro e ia caçar veados na região. Hospedava-se como plebeu em uma velha casa onde hoje é o galpão do paiol da Fazenda Traituba.*

*Sua Majestade gostava tanto do lugar que o Sr. João Pedro Diniz, bisavô do marido de Dona Alice (ex- proprietária), resolveu construir uma belíssima casa para recepcionar o Imperador e o restante da Corte com a dignidade merecida.*

*A construção demorou 10 anos e foi concluída em 1831, ano no qual D. Pedro I abdicou do trono em favor de seu filho mais novo - Pedro II - e partiu para a Europa.*

*D. Pedro I faleceu em Lisboa em 1834.*

**Fonte: Antonio Olinto/Rafaela Asprino em Guia de Cicloturismo - Estrada Real - Caminho Velho, 2ª edição; São Paulo, 2012; Editora Gráficos Unidos, p. 64 (com adaptações).**

Segundo informações de um nativo, que caminhava na direção contrária à minha, o Restaurante da Chiquinha, a quatro quilômetros da Fazenda Traituba, estava aberto, pois ele havia acabado de almoçar por lá.

Foi a salvação da lavoura. Àquela hora, após 3 horas de pedal, meu estômago estava tão oco quanto um cântaro vazio.

Como se guiado pelo aroma do feijão e ingredientes, cheguei ao Restaurante da Chiquinha, o único ponto de apoio entre Cruzília (MG) e Carrancas (MG). Na última vez que percorri esse trecho, não havia Chiquinha e muito menos qualquer amparo alimentar aos viajantes da Estrada Real. Alvíssaras!

O estabelecimento fica próximo - talvez uns 50 metros - da Estação Ferroviária Traituba que, de tão velha, parece ter mais anos que o Sol. A linha férrea está ativa e é operada pela Concessionária MRS Logística no transporte de minério de ferro.

Do ouro (séculos XVII e XVIII) ao ferro (séculos XX e XXI), ocorreram/ocorrem ciclos de espoliação mineral.



**1/2 do caminho.**

**Foto: Fernando Mendes.**



**Restaurante da Chiquinha: casa à esquerda da árvore.**



**Estação Traituba.  
Fotos: Fernando Mendes.**

O almoço estava o néctar dos deuses de tão saboroso e sortido. Arroz, feijão, frango caipira, salada e ovos mexidos. Que deleite.

Às 14h, devidamente alimentado, encontrava-me em condições de voltar à lida do pedal.

Entre Cruzília (MG) a Carrancas (MG) - ou vice e versa -, se bater cansaço, a Chiquinha tem quartos para ciclistas, cavaleiros, motoqueiros e caminhantes da Estrada Real.

Fica a dica e o número do telefone: **(35) 99968 - 7577.**



**Dilma, a gatinha da Chiquinha.**  
**Foto: Chiquinha a partir do meu celular.**

O Restaurante e a Pousada ficam no Bairro Traituba, que se mostrou bastante expandido em relação à última vez [2014] que por lá passei com minha *bike*. Vi placas da Prefeitura de Carrancas (MG) anunciando obras de saneamento básico (Copasa) e conclusão da eletrificação rural (CEMIG). É a marcha do progresso.

Faltavam 25 quilômetros para alcançar Carrancas (MG). O ocaso daquele 11 de maio (6º dia de viagem) estava marcado, segundo meu GPS Garmin, para às 17h 29.

Tendo [re] iniciado o pedal pós-almoço às 14h, contava com 3 horas e 29 minutos de luz natural para percorrer o restante da etapa.

Mas as costelas bovinas que flanqueiam o caminho ficaram mais severas e numa das paradas para fotos vi um raio da roda traseira quebrado.

Augúrio aziago, ou seja, mau sinal. Não podia apertar o ritmo das pedaladas sob o risco de perder outros raios. E exclamei, no meio do nada, naquele silêncio de sabedoria, o bordão de Dick Vigarista, o vilão do desenhos animados de Hanna-Barbera, em a "Corrida Maluca": "raios, mil vezes raios"!



Disponível em: <https://gartic.com.br/Vitin99901171/desenho-livre/dick-vigarista>.  
Acesso: 31/05/2022.

A direção geral passou a ser Norte. Via o Sol escorrendo pachorrentamente para o oeste, à minha esquerda, enquanto pedalava com parcimônia - que significa "menos é melhor" -, para evitar [mais] estragos no enraimamento da roda traseira. Era como se pedalasse sobre um caminho pavimentado por ovos.

A sinfonia do caminho é regida pelo piar de aves e, a grande distância, mugidos bovinos .





**Fotos: Fernando Mendes.**

O movimento de caminhões cessou. O Espinhaço se agigantava à medida que avançava rumo ao norte. Parei diante de uma armadilha para ciclistas e motociclistas: um mata-burro na longitudinal. Sinistro.



**Fotos: Fernando Mendes.**





### **Fotos: Fernando Mendes.**

A oito quilômetros da chegada a Carrancas (MG) parei diante da última (?) subida. Ela tem 6 quilômetros de extensão e serpenteia a borda de um morro, cuja altimetria vai de 1.150 a 1.200 metros. "*Carrancas (MG) está atrás dessa elevação*", afirmei para meu estômago que, àquela hora, rogava por víveres.

Uma caminhonete passou por mim enquanto, da borda do caminho, admirava a ascensão a vencer. Ali permaneci imóvel, em um "estacionário" perfeito, por mais de um minuto.

Fiquei a acompanhar o ziguezaguear do veículo por entre pastos e a desviar de pedras soltas.

De repente, sumiu do meu campo visual, mas escutava perfeitamente o aumento das rotações do motor, à medida que o aclave se acentuava.

E logo reapareceu, lá em cima, num trecho mais alto em relação ao momento no qual sumiu dos meus pavilhões oculares. Permaneci, por alguns segundos, ensimesmado. Respirei e fui.

Eram 17h 42. O Sol havia baixado no horizonte ocidental há 13 minutos, mas ainda pulsava uma réstia de luz no poente.



**Fotos: Fernando Mendes.**

Sem interrupções e pedalando com cuidado, venci os seis últimos (?) quilômetros de ascensão. Últimos?

Deparei-me com outra subida, pequena - é verdade -, todavia bem inclinada. Caracoles!

Lentamente percebi um declive que logo se transformou num obstinado descenso e as primeiras luzes de Carrancas (MG) foram aparecendo nos postes que margeiam a rua de um bairro periférico.

O asfalto substituiu o leito natural, dando uma trégua para a roda traseira e igualmente para os meus pulmões. Foi a única etapa da viagem [Cruzília - MG a Carrancas - MG] na qual pedalei 100% em leito natural ou estrada de terra.

Às 18h 15 cheguei à Pousada Roda Viva - em minha opinião a melhor da localidade. Passaporte Estrada Real carimbado, *check-in* feito e *bike* guardada na garagem.

Depois de merecido [e necessário] banho, dirigi-me ao Adobe Restaurante, o meu dileto em Carrancas (MG). Infelizmente o prato de minha predileção naquele estabelecimento - filé de trutas - não estava sendo preparado devido à falta do ingrediente principal, ou seja, as trutas.

Jantei filé de tilápia acompanhado de farta salada, arroz, feijão e farofa de ovos. A cerveja gelada brindou deliciosa refeição. Depois de etapa tão encardida, sentia-me merecedor de refinado banquete.

Terminada a ceia, sessão de fotos da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição **7**, que guarda uma história bastante curiosa quanto à configuração de sua torres.

**7 - Cada uma [das torres] tem um formato diferente.**

*Dizem que um raio atingiu uma das torres e os obreiros da época não conseguiram edificar outra com o mesmo formato.*

**Fonte: Antonio Olinto/Rafaela Asprino em Guia de Cicloturismo - Estrada Real - Caminho Velho, 3ª edição; São Paulo, 2021; Editora Gráficos Unidos, p. 83.**









**Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. Fotos: Fernando Mendes.**

Na volta à Pousada Roda Viva, fui à garagem e constatei dois raios quebrados. Quando levantei a *bike* pela garupa e fiz girar a roda traseira, percebi a extensão do estrago. Não poderia continuar a viagem com o aro deveras empenado.

O proprietário da Pousada Roda Viva me entregou o contato (WhatsApp) do Rek, possessor (dono) e mecânico da Bicletaria Estrada Real.

Fui dormir sabendo que a retomada da viagem ficou condicionada ao horário no qual o conserto da *bike* se efetivasse. Era questão de saber esperar, como quase tudo na vida. A ver, portanto.

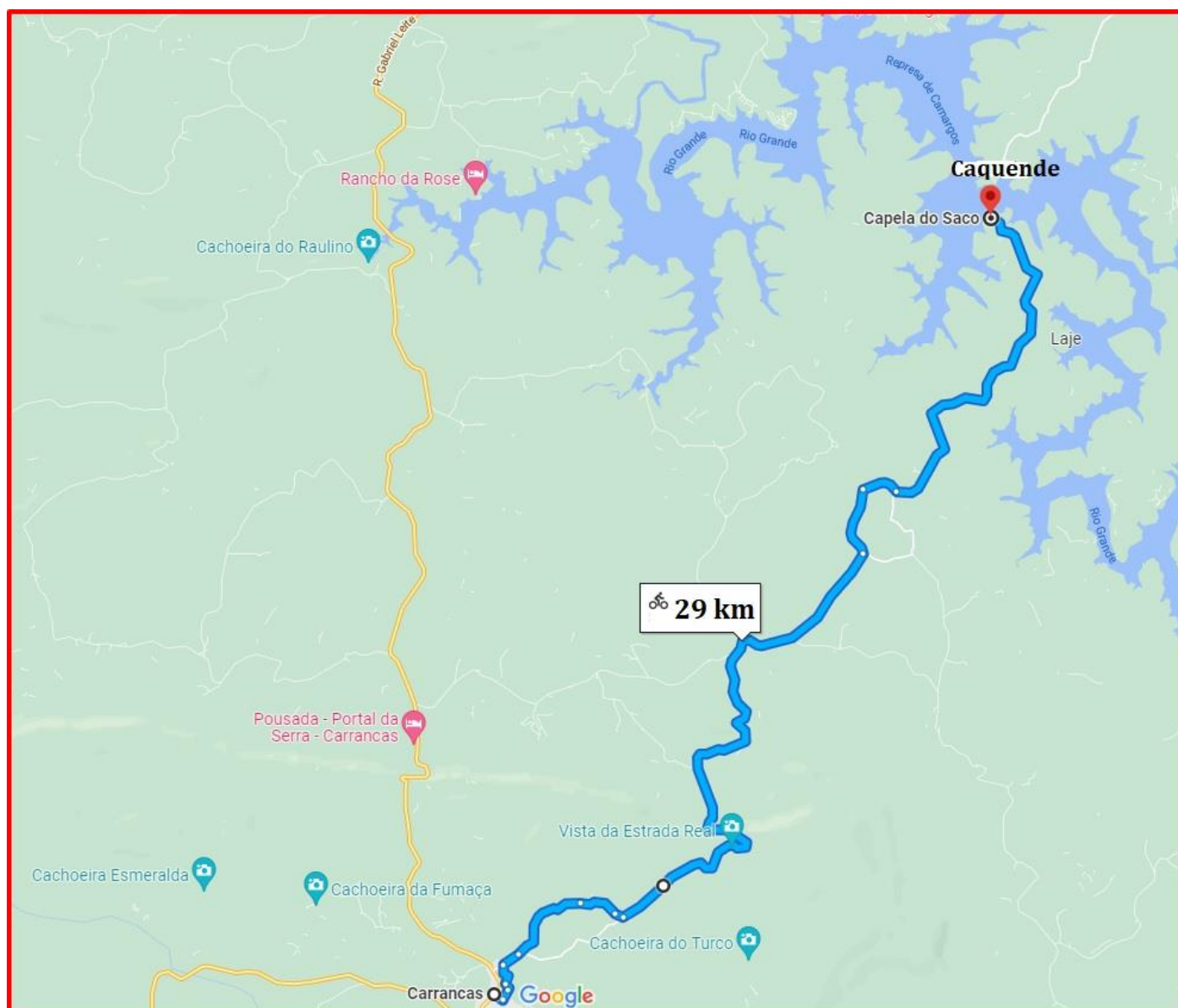
Pela TV do quarto, assisti ao jogo Fluminense 2 X 0 Vila Nova de Goiás, pela Copa do Brasil. No jogo de ida, no Maracanã, vitória do tricolor por 3 x 2. O placar agregado ficou elástico: 5 x 2.

Encerrada a peleja, caí em profundo e benéfico sono.

Ouro Preto (MG) a 269,93 quilômetros.

CRUZÍLIA (MG) A CARRANCAS (MG)	
Distância percorrida	61,31 km
Calorias	1.730
Total subida	907 m
Total descida	888 m
Ritmo cardíaco médio (RMC)	99 bpm
Velocidade Média	9,5 km/h
Dados obtidos Garmin Forerunner 310XT	

7º DIA	12/05/2022
	CARRANCAS (MG) A CAQUENDE (MG)
	29,41 km



Disponível em:<<https://www.google.com.br/maps>>.

Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).



Disponível em:<<https://www.google.com.br/maps>>.

Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).

O trecho daquela 5ª - 12/05/2022 - estava em aberto à semelhança da corrida presidencial 2022.

Enquanto não soubesse o horário da partida, pois dependia da entrega da *bike*, deixei que o destino se encarregasse de ajeitar tudo, e saí rumo à oficina.

Às 9 horas a bicicletaria abriu. O Rek examinou os estragos, trocou o aro traseiro, regulou as marchas e lubrificou a corrente, àquela altura bastante empoeirada.

Às 10h 30 tudo resolvido. Ou melhor, quase tudo. Precisava estabelecer qual o trecho daquele 12 de maio, o horário para sair e onde seria o pernoite.

Pelo adiantar da hora, não chegaria a São João del Rei (MG) naquele dia. A solução foi pedalar até o distrito do Caquende - 28 quilômetros à frente - e pernoitar por lá.

O Rek sugeriu a Pousada "Rancho do Arrudão". Após troca de algumas mensagens pelo *Instagram*, bingo! Pernoite garantido.

O serviço ficou muito bem feito e a *bike* voltou a rodar macia. Em Carrancas, Bicicletaria Estrada Real. Recomendo. **Telefone: (35) 98808-8449.**





**Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. Fotos: Fernando Mendes.**

Após um rolé fotográfico pelo *downtown* de Carrancas (MG), almocei no Restaurante Virada do Largo, na Praça da Matriz.

Às 14h comecei a subir a Serra de Carrancas - cinco quilômetros com 250 metros de ascensão. Ao atingir o topo, uma visão privilegiada. Avistei, mesmo que a larga distância, algumas reentrâncias da Represa de Camargos **8**, resultado do barramento do Rio Grande para construção do AHE (Aproveitamento Hidrelétrico) ou UHE (Usina Hidrelétrica) de Itutinga, administrada pela CEMIG (Cia. Energética de Minas Gerais).

**8** - O reservatório tem o volume de 792.000.000 m<sup>3</sup> e área alagada de 73,35 km<sup>2</sup>.  
**Disponível em:** <<https://www.cemig.com.br/usina/uhe-camargos/>>.  
**Acesso: 31/05/2022.**

Passei a pedalar por um platô, largo e extenso à semelhança do veterano porta-aviões Minas Gerais.

Quando o "porta-aviões" terminou e o caminho inclinou com força para baixo, desci cinco quilômetros em 350 metros, a mesma extensão que subi ao sair de Carrancas (MG).



**Carrancas (MG) foi ficando pequena, lá embaixo.**



**Fotos: Fernando Mendes.**

Os 18,41 quilômetros restantes foram percorridos entre plantações de eucaliptos, áreas de pasto e matas. Nenhum ponto de apoio, solo bem compactado e sem as famigeradas costelas bovinas.

Pedalava à luz chamejante daquela tarde esplendorosa de outono, na altura da latitude tropical de 21ºS.



**Serra de Carrancas.**  
**Fotos: Fernando Mendes.**





**Fotos: Fernando Mendes.**

Às 17h 30 cheguei à Capela do Saco, distrito de Carrancas (MG), localizada às margens da Represa de Camargos.

Tão bela quanto o espelho d'água [da represa], a formosa Capela de Nossa Senhora do Porto do Saco **9**.



**Capela de Nossa Senhora do Porto do Saco. Foto obtida durante e viagem Junho 2014.**

**Foto: Fernando Mendes.**

**9 - Capela de Nossa Senhora do Porto do Saco, distrito de Carrancas, tem esse nome em razão de uma grande curva do Rio Grande que formava um "saco".**

**A data de inauguração da Capela de Nossa Senhora da Conceição é 1712, a mando de Júlia Maria da Caridade, uma das Três Irmãs Ilhoas.**

**Disponível em: <http://www.oswaldobuzzo.com.br/Home/estrada-real-cam-velho/2o-dia-sao-sebastiao-da-vitoria-a-capela-do-saco-26-quilometros>.**

**Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).**

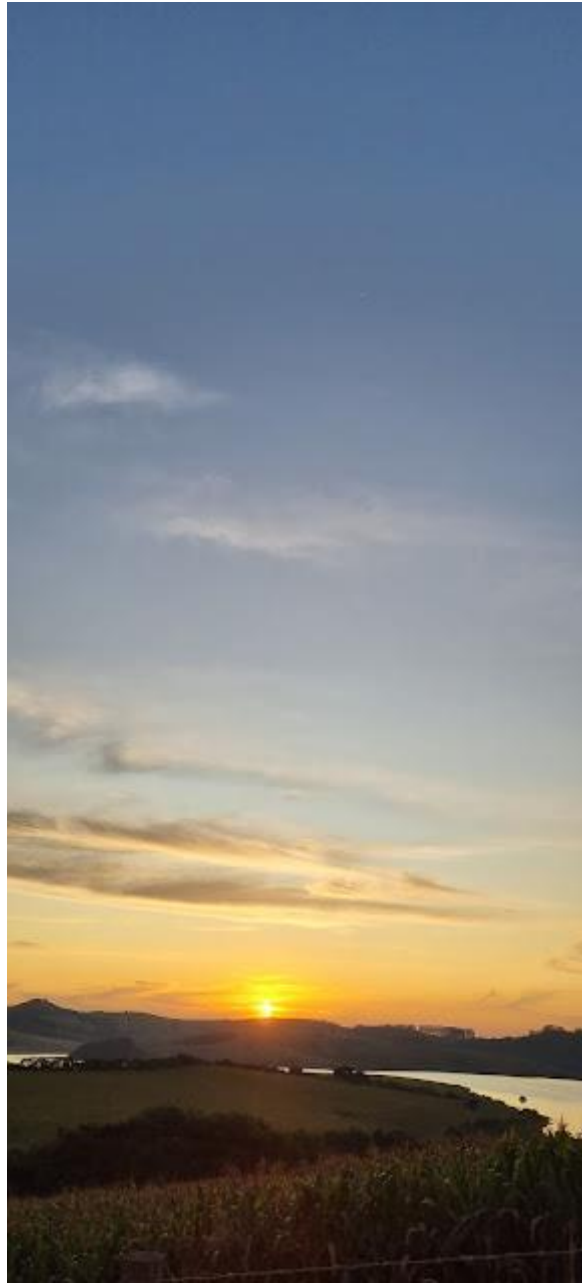
A Balsa Carranquinha, que faz a travessia da represa, transportando pessoas, veículos, motos e bicicletas, está inoperante. E inoperante ficará por um bom tempo. Ainda existem muitos barqueiros, em ambos os distritos, sempre prontos a realizar a transposição de ciclistas [e outros] que estejam a percorrer a Estrada Real.

O Walter, proprietário da Pousada Rancho do Arrudão, providenciou um barqueiro para me levar até a margem oposta, ou seja, o lado do Caquende, distrito de São João del Rei (MG).

Ceguei ao Caquende exatamente no momento em que o Sol mudava a indumentária do céu, vestindo-o de laranja-amarelado e desaparecendo no oeste.

O ocaso, naquele 12 de maio, ocorreu às 17h 29, segundo meu GPS Garmim.







**Fotos: Fernando Mendes.**

A avaria na roda traseira da *bike* atrasou minha saída de Carrancas (MG) que, por sua vez, me fez pedalar até o Caquende e ser brindado com entardecer digno de reverência e contemplação.

O Destino dispõe de mecanismos próprios e nada é capaz de alterar o que está traçado.

Concluída a travessia da albufeira, o Hélio, administrador da Pousada Rancho do Arrudão, recebeu-me na estalagem, providenciou o quarto e, em seguida, preparou delicioso jantar em empório de sua propriedade.

Terminada a refeição, saí a caminhar pela borda da represa. Era o 5º dia de Lua Crescente. A fraca iluminação pública do Caquende **10** permitiu divisar o firmamento negro, brilhante e com hieróglifos de estralas, que brigavam umas com as outras para brilhar mais do que a sua vizinha.

Elas continuavam lá, as mesmas constelações de sempre, heroicamente espalhadas naquele céu de inverno nos Trópicos.

Caquende, um lugar recôndito e encantador. Não importa se é dia ou se é noite.



## Caquende, distrito de São João del Rei (MG).

**10** - *Acredita-se que a origem do topônimo **Caquende** é proveniente do termo “Cá-aquém-de”, ou seja, “cá aquém de lá”, pois o lado de cá (o do **Caquende**/São João del Rei) estava aquém do lado de lá (o da **Capela do Saco**/Carrancas).*

Disponível

em:<[http://www.patriamineira.com.br/imagens/img\\_noticias/155749230710\\_Caquende.pdf](http://www.patriamineira.com.br/imagens/img_noticias/155749230710_Caquende.pdf)>. Acesso: 31/05/2022.



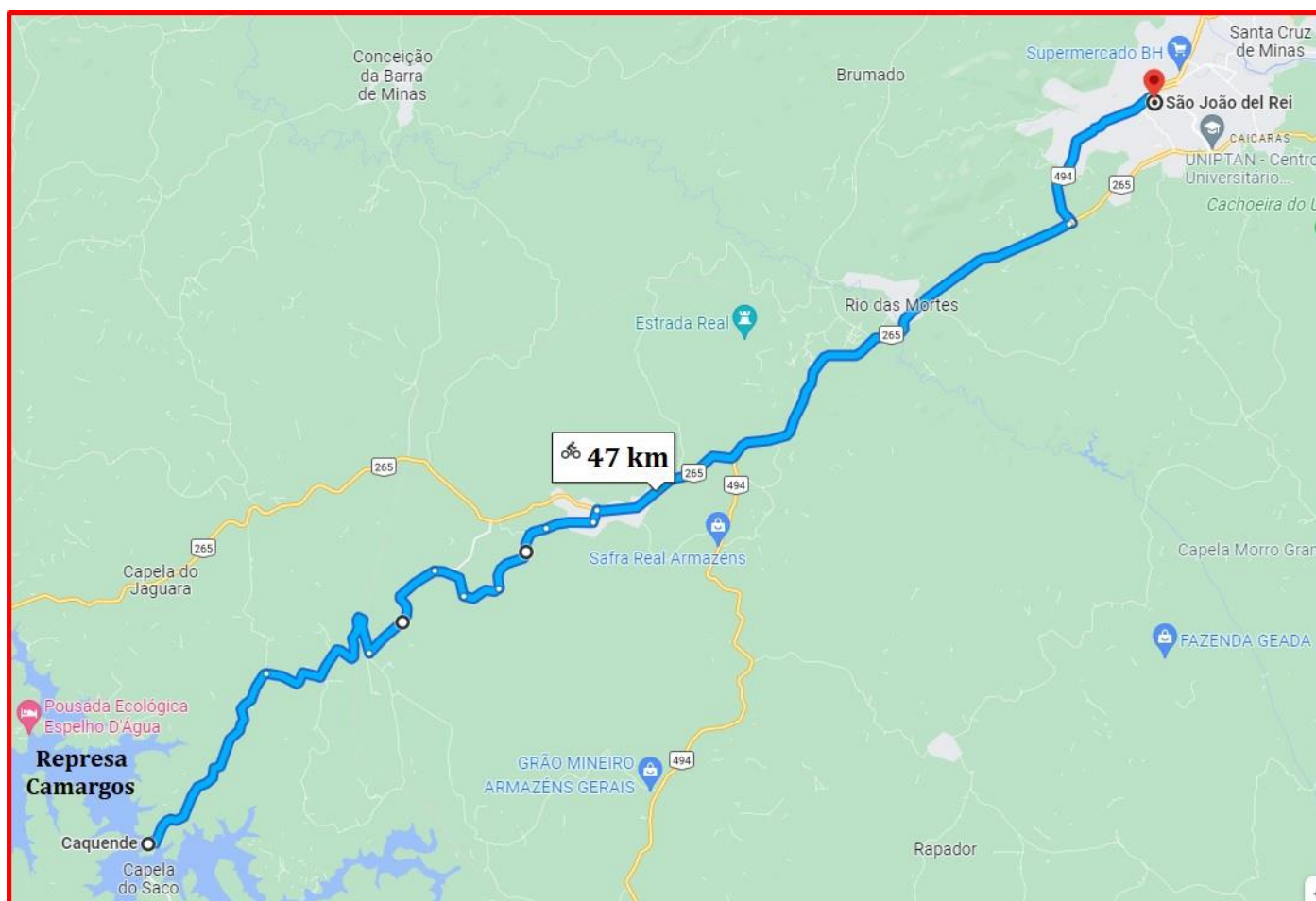


**Pousada Rancho do Arrudão.  
Fotos: Fernando Mendes.**

<b>CARRANCAS (MG) AO CAQUENDE (MG)</b>	
Distância percorrida	29,41 km
Calorias	769
Total subida	503 m
Total descida	655 m
Ritmo cardíaco médio (RMC)	99 bpm
Velocidade Média	10 km/h
<b>Dados obtidos Garmin Forerunner 310XT</b>	

Ouro Preto (MG) a 240,52 quilômetros.

<b>8º DIA</b>	<b>13/05/2022</b>
	<b>CAQUENDE (MG) A SÃO JOÃO DEL REI (MG)</b>
	<b>29,41 km</b>



Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.  
Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).



Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.  
Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).

O Caquende e a Capela do Saco, dois sítios recônditos (desconhecidos), nos quais a vida decorre monótona e placidamente, foram os únicos pontos que ficaram emersos por ocasião da subida das águas formadoras da Represa de Camargos.

Caquende é um povoado de ruas calmas, com casas construídas ao redor da Igreja de Nossa Senhora do Carmo.



**Caquende, distrito de São João del Rei (MG).**



**Igreja de Nossa Senhora do Carmo.**

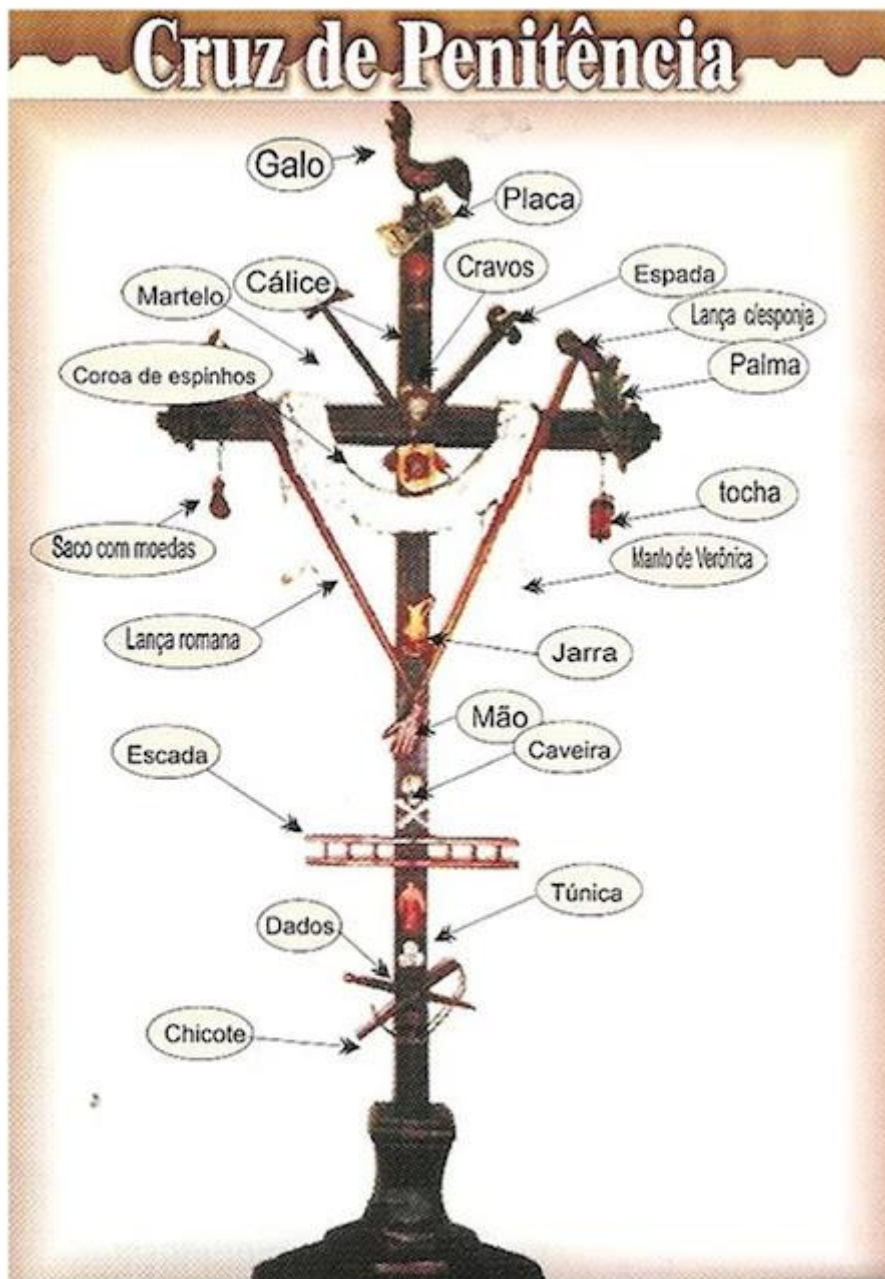




**Cruz dos Martírios ou Penitência. (\*\*)**

**Foto: Fernando Mendes**

**(\*\*)** - *Cruz de Penitência ou Martírio - Simboliza o triunfo de Jesus Cristo sobre a morte e traz todos os objetos que simbolizaram sua penitência e seu sofrimento.*



Disponível em: <<https://emfrol1.wixsite.com/ourobranco/histicos>>.  
Acesso: 31/05/2022.





**Fotos: Fernando Mendes.**

Noite bem dormida é descanso garantido. Após café da manhã no empório do Hélio, abraços de agradecimentos a todos que me receberam e me proporcionaram estada maravilhosa às margens dessa represa, nesse bucólico sítio de topônimo Caquende.

Às 10h 27 pedalava por uma inclinação moderada. Via pelo retrovisor da *bike* o Caquende, diminuto, lá embaixo, emoldurado pela Represa de Camargos.





**Fotos: Fernando Mendes.**

Às 11h 55 passei sob colossal viaduto da FCA (Ferrovia Centro-Atlântica) e fundada em 1996. É a maior do Brasil. Conecta sete estados e o Distrito Federal.

As linhas da FCA são a principal via de integração entre as regiões Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste do País.





**Fotos: Fernando Mendes.**

A estrada [Real] segue larga e predominantemente plana, com pequenos descensos e ascensos se intervalando. Os eucaliptos flanqueiam o caminho.

Em rápida parada para fotos e hidratação, um forte vento começou a agitar o eucaliptal e a curvar os altos caules. O mau tempo estaria à frente?

Havia previsão de chuva para as próximas 48 horas em São João del Rei (MG) e região, incluindo Tiradentes (MG), Prados (MG), Lagoa Dourada (MG) e Casa Grande (MG), localidades presentes - e futuras - no trajeto.

O vento que agitou os eucaliptos foi o presságio de virada no tempo? "*A ver*", pensei.





**Fotos: Fernando Mendes.**

Os 23 quilômetros entre o Caquende (MG) e São Sebastião da Vitória (MG), outro distrito de São João del Rei (MG), foram tranquilamente pedalados em 3 horas. Cheguei às 13h 27.



**Matriz de São Sebastião da Vitória.  
Fotos: Fernando Mendes.**

Sempre que passo por esse distrito de São João del Rei (MG), a igreja de São Sebastião da Vitória **11** está fechada. Bati em retirada e rumei para o Restaurante João e Maria. Almoço maravilhoso.

**11** - *A origem da devoção e do nome São Sebastião aconteceu a partir da construção da primeira capela, inaugurada em 4 de outubro de 1884, por meio do Padre José Bonifácio dos Santos.*

*O local, segundo a tradição oral, devido às comemorações em torno da vitória na Guerra dos Emboabas (1709 - 1710) tinha [a igreja] o nome de "Vitória", sendo acrescentado o crédito de São Sebastião.*

*O cônego João Batista da Trindade, então vigário de Conceição da Barra de Minas, foi designado para dar assistência à paróquia recém-criada.*

**Disponível em:** < <http://www.oswaldobuzzo.com.br/Home/estrada-real-cam-velho/1o-dia-sao-joao-del-rei-a-sao-sebastiao-da-vitoria-26-quilometros> >.  
**Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).**

Ao término da refeição, quando saía do estabelecimento, encontrei três ciclistas de Belo Horizonte. Chegavam para almoçar. Percorriam a Estrada Real na direção oposta à minha.

Um deles observou, enquanto eu retirava os cadeados das rodas da *bike* para seguir viagem: "*you are going the opposite way*". Fiz de conta que não ouvi ou não entendi. Melhor assim.

Os ciclistas belo-horizontinos não sabiam da paralisação da balsa na travessia da Represa de Camargos. Orientei-os a falar com o Hélio, o dono do único empório no Caquende, e a travessia estava garantida.

Pontualmente às 14h, após me despedir do trio, rumei na proa de São João del Rei (MG).

No entanto, o trecho da Estrada Real entre São Sebastião da Vitória e Rio das Mortes - outro distrito de São João del Rei (MG) - nunca foi de fácil transposição.

A trilha, muito mal cuidada, atravessa pastos, banhados e diversas voçorocas. Em três passagens pela região (2011, 2014 e 2015), nunca consegui percorrer esse trecho da Estrada Real.

A única opção foi seguir pela BR - 265, bastante movimentada e com um arremedo de acostamento.

Pedalados 12 quilômetros entrei em Rio das Mortes, distrito de São João del Rei (MG) e local no qual Nhá Chica - a beata de Baependi (MG) - nasceu e foi batizada.

Eram 14h 44.



**Fotos: Fernando Mendes.**







**IGREJA SANTO ANTÔNIO DO RIO DAS MORTES.**  
**Fotos: Fernando Mendes.**

É a única igreja no Brasil onde existe uma imagem que relata um dos milagres de Santo Antônio ao lado do Demônio **12**.



**Imagem do Demônio, que relata um dos milagres de Santo Antonio.**

**Foto: Fernando Mendes.**

**12** - Segundo a tradição oral, uma pessoa muito religiosa e piedosa, por não conseguir o que queria, caiu num grande erro ao fazer um pacto com o diabo, para que seu pedido fosse atendido.

*Quando o homem morreu, o diabo foi cobrar a parte dele no pacto, ou seja, levar sua alma para o inferno.*

*Santo Antônio se apiedou da alma do pobre homem, sabendo de seu bom coração, mesmo com seu deslize, impediu que o diabo o mantivesse no inferno, retirando-o de lá, levando-o para o purgatório, para alcançar o perdão divino.*

*Essa história está ilustrada no quadro.*

**Disponível em:** <<https://www.conhecaminas.com/2019/03/rio-das-mortes-terra-onde-nasceu-nha.html>>. Acesso: 31/05/2022.

O templo abriga, também, a Pia Batismal, onde foi batizada Francisca Paula de Jesus, a Nhá Chica.

Em 04/05/2013, Nhá Chica foi beatificada (e não canonizada), ou seja, se tornou a primeira leiga e negra brasileira a ser declarada beata pela Igreja Católica.

O distrito de Rio das Mortes foi fundado em 1693, quando os primeiros veios de ouro (afioramento de rochas e geralmente contêm muito frequentemente minerais de minério de ouro) começaram a ser explorados no Rio das Velhas, em Sabará, em Vila Rica (atual Ouro Preto-MG) e Ribeirão do Carmo (atual Mariana - MG).

Entre essas regiões produtoras de ouro, São João Del Rei (MG), localizada atualmente na mesorregião do Campo das Vertentes, era o ponto central da exploração aurífera.

Os 10 quilômetros finais entre Rio das Mortes e São João del Rei (MG), a Cidade do Sinos, foram percorridos rapidamente.

Às 16h 06 estava defronte à Igreja de São Francisco de Assis a fotografá-la. Construção: 1774 a 1809.







**Fotos: Fernando Mendes.**

Hospedei-me no Hotel Ponte Real, defronte à Ponte da Cadeia. **13.**

**13** - *Sólida construção, em estilo romano, datada de 1798. Suas grossas paredes são formadas por grandes blocos de pedra cortada, rejuntadas com argamassa à base de óleo de baleia.*

**Disponível**

**em: <<https://idasbrasil.com.br/Ponte+da+Cadeia/Sao+Joao+Del+Rei/minas-gerais/atracao-turistica/649/g>>. Acesso: 31/05/2022.**



**Ponte da Cadeia.**  
**Fotos: Fernando Mendes.**

Após *check-in* no Ponte Real, saí em périplo fotográficos. Eram 16h 20.

O ocaso naquela sexta-feira (13) aconteceu às 17h 27. Tive 1 hora e sete minutos de luz natural para fotografar igrejas e casarios de São João del Rei (MG), cujo topônimo foi em homenagem ao Rei D. João V, o Magnânimo, que governou Portugal, Brasil e Algarves de 1706 a 1750. Sua esposa, **Maria Ana Josefa de Áustria**, originou o nome da cidade de Mariana (MG), a antiga Ribeirão do Carmo.



**Igreja Nossa Senhora do Carmo.**  
**Foto: Fernando Mendes.**



**Igreja Nossa Senhora do Rosário.**  
**Foto: Fernando Mendes.**





**Igreja Nossa Senhora do Pilar.**  
**Foto: Fernando Mendes.**







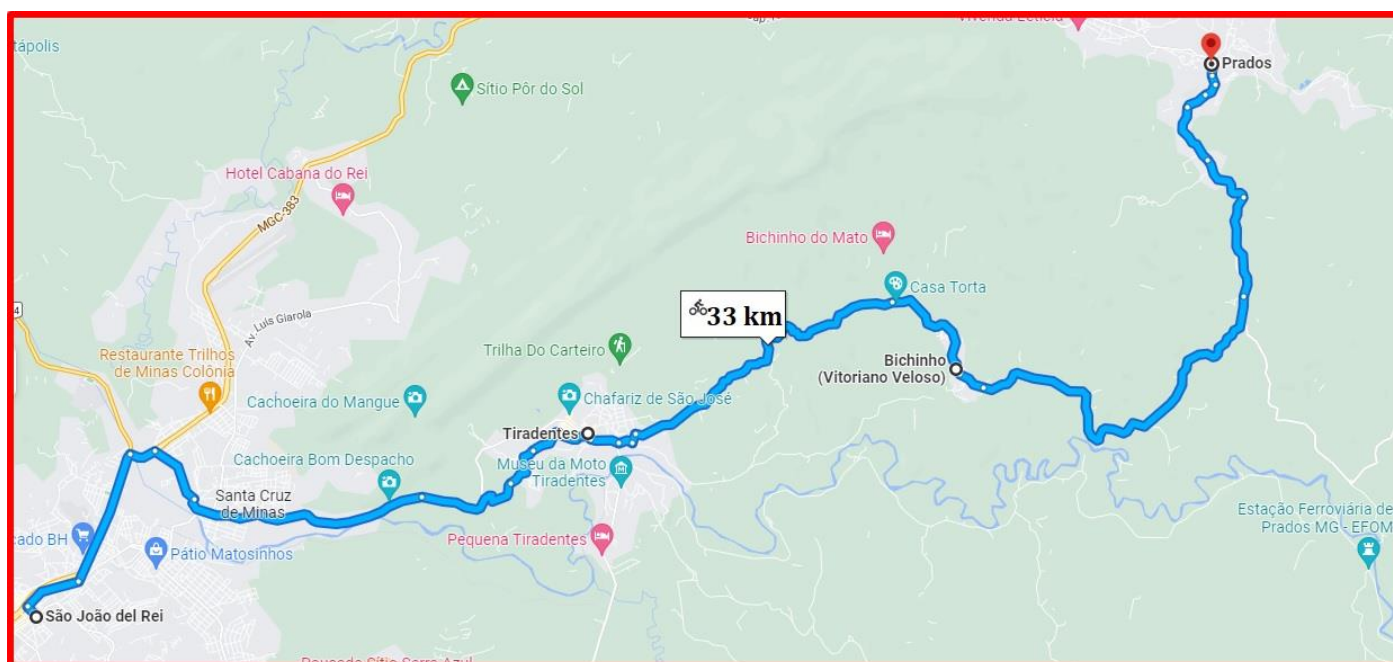
**Fotos São João del Rei (MG): Fernando Mendes.**

Findo o périplo fotográfico pela Cidade dos Sinos, voltei ao Ponte Real, banhei e saí para pizza e cervejas. O dia estava ganho.

Ouro Preto (MG) a 192,91 quilômetros.

<b>CAQUENDE (MG) A SÃO JOÃO DEL REI (MG)</b>	
Distância percorrida	47,61 km
Calorias	769
Total subida	793 m
Total descida	814 m
Ritmo cardíaco médio (RMC)	98 bpm
Velocidade Média	11,2 km/h
<b>Dados obtidos Garmin Forerunner 310XT</b>	

<b>9º DIA</b>	<b>14/05/2022</b>
	<b>SÃO JOÃO DEL REI (MG) A PRADOS (MG)</b>
	<b>33,22 km</b>



Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.  
Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).



Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.  
Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).

Sábado é dia de passeio de Maria Fumaça, que serpenteia a Serra do São José, por 12 quilômetros, entre São João del Rei (MG) e Tiradentes (MG).

Nos arredores da Estação Ferroviária havia um frenesi de turistas, automóveis e ônibus de excursão.

Foi preciso descer da *bike* e empurrá-la em meio àquele *maremágnum* (locução latina que designa grande abundância, confusão, aglomeração) que se intensificou quando a Locomotiva Baldwin 4-4-0, fabricada nos EUA em 1908, apitou alto e forte, varando o ar e anunciando a partida. Eram 9h 55. Faltavam cinco minutos para o comboio zarpar.

Os retardatários, apressados, corriam para a plataforma de embarque, enquanto eu retomava as pedaladas, alguns metros à frente da Estação, rumando para a *Ophicina Bike Shop*, local de carimbo no Passaporte Estrada Real.

O céu foi estendendo seus azuis do começo ao fim e tratou de varrer um par de nuvens perdidas. O tempo, contrariando as previsões do dia anterior, não dava sinais de chuva. Alvíssaras!

Após me livrar do trânsito confuso de São João del Rei (MG), cheguei a Santa Cruz e Minas (MG), município vizinho e conurbado à Cidade dos Sinos.

Emancipado em 1995, após ser desmembrado de São João del Rei (MG), Santa Cruz de Minas (MG) - área de 3 km<sup>2</sup> - abriga o único Marco Zero da Estrada Real, homenagem à parceria feita com o Ministério do Turismo para a sinalização do eixo Paraty (RJ) a Ouro Preto (MG).

Embora essas duas cidade (Paraty- RJ e Ouro Preto - MG) estejam nas extremidades do Caminho Velho, o Marco Zero não significa o início ou fim do trajeto.





## **Marco Zero da Estrada Real. Fotos: Fernando Mendes.**

Passado o Marco Zero, uns dois quilômetros à frente, saí da rua principal - muito movimentada - e ingressei numa senda em leito natural que me levou à parte alta de um promontório, de onde avistei Tiradentes (MG), flanqueada (cercada) pela bela Serra de São José que, lenta e exaustivamente, vem sendo trabalhada pelo ação morosa e implacável do tempo.

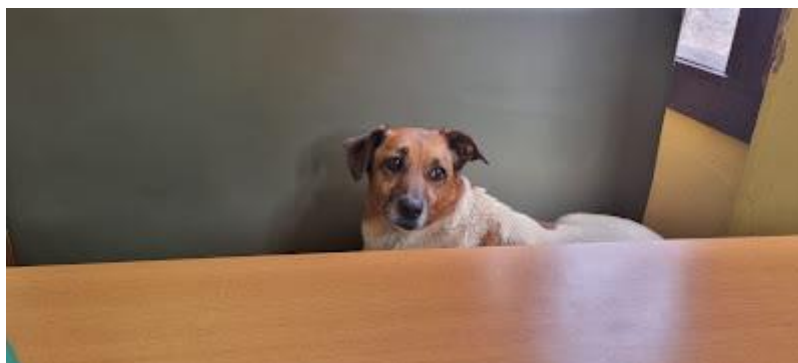
A cidade estava um *maremágnum*. Havia encontro de motoqueiros, que parecem ter vindos dos quatro pontos cardeais e a bizarra "Corrida do Chope" - em cada ponto de parada, o "atleta" tomava [mais] uma tulipa e quem conseguisse chegar com alguma sobriedade, ganhava.

Na Pousada do Largo, localizada no Largo das Furras - aquela praça rodeada por charretes coloridas -, obtive carimbo no Passaporte Estrada Real e, em seguida, divino expresso no Rocambole & Cia. Tive companhia enquanto degustava uma chávena de café.



**Fotos: Fernando Mendes.**

Essa dócil cachorrinha tem dono, mas prefere passar os dias no Rocambole & Cia. É alimentada e muito bem tratada pelos funcionários e clientes.





**Fotos: Fernando Mendes.**

Deixei a muvuca que estava Tiradentes (MG) - muvuca essa que ficou mais intensa quando o comboio (trem) vindo de São João del Rei (MG) chegou - e rapidamente tomei a direção do distrito de Vitoriano Veloso **14**, popularizado pela alcunha de "Bichinho".

Poucas pessoas que visitam [o Bichinho] têm conhecimento da importância de Vitoriano Veloso - escravo alforriado - no movimento sedicioso (insurgente ou revoltoso) denominado Inconfidência Mineira (1789).

Não há nada no distrito do Bichinho, um museu - por exemplo -, que faça alusão a esse humilde alfaiate, um dos pilares do movimento que visava livrar a rica Capitania de Minas Gerais das garras da Coroa Portuguesa.

**Em tempo: a Inconfidência Mineira objetivou separar a CAPITANIA DE MINAS GERAIS de PORTUGAL e não a INDEPENDÊNCIA do BRASIL de PORTUGAL, como muitos pensam e - erroneamente - acreditam. (Nota do Autor).**

Como bem escreveu Chico Buarque no samba Vai Passar: "*passagem desbotada na memória das nossas novas gerações*".

**14** - *O Povoado se formou com a descoberta de ricas lavras de ouro no princípio do século XVIII.*

*O nome atual é uma homenagem ao inconfidente **Vitoriano Gonçalves Veloso**, negro e escravo alforriado. Nasceu e viveu em Arraial de Gritador (nome derivado de Greta D'Ouro).*

*Ele era vizinho e compadre de D. Hipólita, a única mulher a participar ativamente do movimento revolucionário conhecido por Inconfidência Mineira (1788 - 1789).*

*Hoje, o povoado é uma sequência de casas antigas que servem tanto como residências quanto oficinas, ateliês e lojas de artesanato.*

*Pelo que se sabe, Vitoriano Gonçalves Veloso (1738 – 1803) era um homem humilde, tendo o ofício de alfaiate por profissão.*

*Sabe-se também que ele ficou conhecido como o “mensageiro dos conjurados”, pois era um dos que gozavam da confiança de muitos dos envolvidos com a trama de 1789, especialmente escolhido para transportar notícias importantes ou sigilosas.*

*Registros dão conta de que ele foi o portador da mensagem que denunciava Joaquim Silvério dos Reis como sendo o delator do movimento conjuratório.*

**Disponível em:** <<http://www.oswaldobuzzo.com.br/Home/2010---estrada-real---ii--caminho-do-ouro-1/9o-dia-prados-a-tiradentes-18-quilometros>>. Acesso: 31/05/2022.

*Desmantelado o movimento denominado Inconfidência Mineira, à exceção de Tiradentes (1746 – 1792), que foi condenado à morte por enforcamento, **Vitoriano Gonçalves Veloso**, o alfaiate mulato da Inconfidência, foi sentenciado ao degredo na África (Moçambique). Morreu por lá em 1803.*

**Disponível em:** <<https://jornalgggn.com.br/historia/o-alfaiate-mulato-da-inconfidencia-mineira/>>. Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).

Atualmente, a maior atração no Bichinho é a Casa Torta, duas casas inclinadas nas quais a parte interna oferece, segundo o sítio [www.casatorta.com](http://www.casatorta.com): "um espaço de recordações lúdico, interativo que propõe um diálogo sensível e uma quebra de tabu: Fazer adultos brincarem novamente como nos tempos de infância".

Havia uma horda de pessoas à frente da Casa Torta para fotografá-la. O trânsito engarrafado diante das duas habitações inclinadas.

Pareceu-me que o "monumento" é tão fotografado quanto o Castelo da Cinderela na Disney World, em Orlando, na Flórida (FL).



**Casa Torta. Foto: Fernando Mendes.**

Às 14h 25 cheguei ao *downtown* do Bichinho, distrito de Prados (MG).

Os restaurantes estavam lotados e com filas [hectométricas] de espera. O Tempero da Ângela, como de hábito, era o mais concorrido.

A densidade demográfica assemelhava-se, naquele sábado, à de Bangladesh, um dos países mais povoados da Ásia (1.087 hab/km<sup>2</sup>).

*Macau, região autônoma na costa sul da China, tem a maior densidade demográfica da Ásia: 21.789hab/km<sup>2</sup>*

Disponível em:<<https://www.indexmundi.com/map/?v=21000&r=as&l=pt>>.

Acesso: 31/05/2022.

Felizmente, no interior da Galeria Bichinho, um restaurante com mesa disponível e comida deliciosa.



**Galeria Bichinho. Foto: Fernando Mendes.**

Terminado o almoço fui à Igreja Nossa Senhora da Penha de França, datada de 1771. Infelizmente estava fechada. Em quatro edições pela Estrada Real (2011, 2014, 2015 e 2017) encontrei esse templo fechado.

Segundo pesquisas, a pequena igreja, de aparência simples, guarda raros exemplares de pinturas em estilo rococó. É patrimônio histórico tombado pelo IPHAN. É uma das mais belas de Minas Gerais.



**Cruz dos Martírios ou Penitência.**  
**Foto: Fernando Mendes**





**Igreja Nossa Senhora da Penha de França. Fotos: Fernando Mendes.**

Deixei o distrito de Vitoriano Veloso (Bichinho) às 15h e rumei na direção de Prados (MG), 12 quilômetros à frente. O ocaso (pôr do Sol) naquele sábado 14 de maio aconteceu às 17h 26, segundo meu GPS Garmim.

Ceguei a Prados (MG) às 16h 33, a tempo de fotografar o centro histórico, tão belo quanto Tiradentes (MG) e São João del Rei (MG).











**Prados (MG). Fotos: Fernando Mendes.**



**Igreja Nossa Senhora da Conceição. Prados (MG). Foto: Fernando Mendes.**

Em Prados (MG), hospedei-me no Apart Hotel Água Limpa, o melhor num raio de 200 quilômetros. Recomendo.

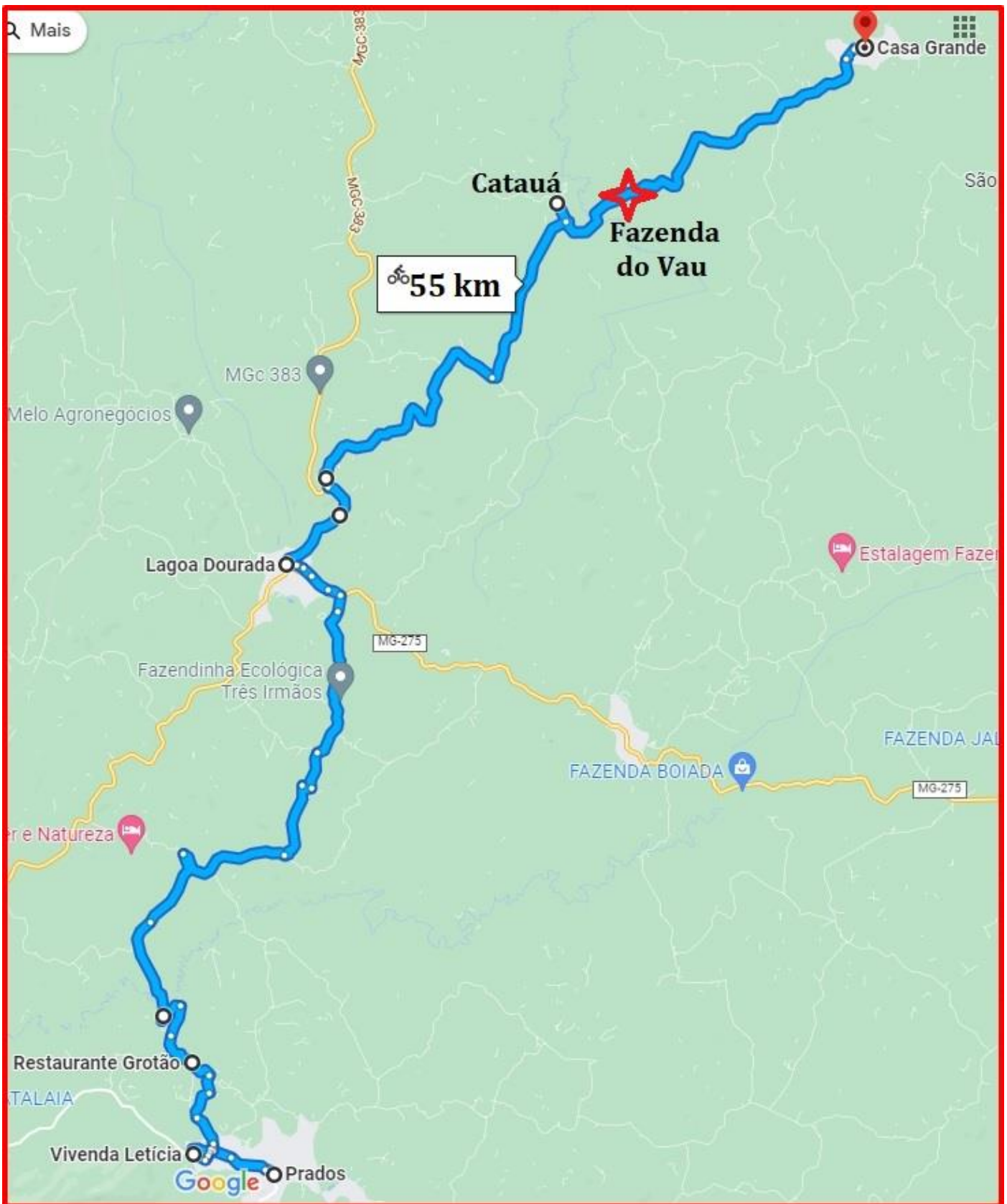
Enquanto dormia, o tempo virou. Lá fora tudo ficou branco.

Ouro Preto (MG) a 159,69 quilômetros.

<b>SÃO JOÃO DEL REI (MG) A PRADOS (MG)</b>	
Distância percorrida	33,22 km
Calorias	874
Total subida	464 m
Total descida	402 m
Ritmo cardíaco médio (RMC)	86 bpm
Velocidade Média	8,2 km/h
<b>Dados obtidos Garmin Forerunner 310XT</b>	

<b>10º DIA</b>	<b>15/05/2022</b>
	<b>PRADOS (MG) A CASA GRANDE (MG)</b>

55,62 km



Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.  
Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).



Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.  
 Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).

Ao sair para esplêndido café da manhã no Água Limpa - o melhor em todas as estadas - uma surpresa nada agradável: tempo fechado, neblina densa e previsão de chuva a qualquer momento.

As nuvens cinzas e muito baixas, caíram materialmente sobre Prados (MG) e não pressagiavam nada de bom.

Sentindo os primeiros pingos esparsos a fazer "plec"- "plec"- "plec" sobre a superfície do casaco impermeável, iniciei a dura jornada daquele domingo. Ruas vazias e muito frio. O termômetro do GPS acusava 14°C, mas a sensação térmica devia ser menor, decerto. Eram 8h 30.

Subi (e que subida!) a Avenida Tiradentes que, a partir do Parque de Exposições, muda o nome para Rua Vereador José Pedro de Moura e antes de ingressar na Estrada Real, um singelo desvio para chegar à Pousada Vivenda Letícia e carimbar o Passaporte. Desvio de uns três quilômetros. A chuva ficou moderada.

Retornei pelo singelo desvio até alcançar a Rua Caeté, onde um Marco da Estrada Real orienta virar à esquerda.

Início do Caminho em leito natural até Lagoa Dourada (MG), a terra do rocambole, 27 quilômetros adiante. A chuva moderada intensificou-se.

O piso começou a apresentar trechos com excesso de lama. Passei pelo Restaurante Grotão, famoso num raio de 300 quilômetros. A fama chegou a Belo Horizonte (MG).







### **Fotos: Fernando Mendes.**

Do Grotão à Igreja Nossa Senhora das Graças, o Caminho faz um enorme V em seu leito. Uma forte descida - com a *bike* patinando no piso escorregadio - e acentuada subida, que comprometeu a tração em alguns pontos. Ufa, cheguei à Igreja. Pausa para fotos.



**Igreja Nossa Senhora das Graças. Fotos: Fernando Mendes.**





**Foto: Fernando Mendes.**

Após a igreja, forte descida, flanqueada por milharais até chegar à ponte sobre o Rio Carandaí, cuja nascente localiza-se em Ressaquinha (MG), na Serra da Mantiqueira, à cota de 1.200 metros.

O curso de águas espumosas e velozes, percorre 645 quilômetros até desaguar no Rio das Mortes, em São João del Rei (MG), de quem é afluente.



## **Foto: Fernando Mendes.**

Às 12h 23 parei em uma bifurcação bastante conhecida; conhecida de "outros carnavais".

Explico:

*Em julho de 2015, ocasião na qual percorri a Estrada Real de Ouro Preto (MG) a Paraty (RJ) - portanto na direção oposta (e não "ao contrário") -, ao pedalar entre Lagoa Dourada (MG) e Prados (MG), pouco depois de atravessar um eucaliptal, a estrada estreitou e inclinou fortemente para baixo.*

*Foi impossível pedalar porque os buracos e valas eram enormes.*

*Após, atravessei um córrego e veio uma subida tão difícil quanto a descida.*

*Empurrei a bike por uns 200 metros em ascensão e com as sapatilhas enterradas na lama, que chegou até as canelas.*

*Quando o terreno aplainou, grossas camadas de barro travaram as rodas. Foi preciso borrifar a água das caramancholas para "derreter" a lama e prosseguir viagem.*

*Enquanto me virava como podia naquela operação, passou um nativo e falou que eu poderia ter evitado esse trecho tenebroso.*

*Bastava, antes do eucaliptal, ter seguido à esquerda, evitando, assim, atravessar a "floresta", pedalar paralelamente à cerca que faz o limite da plantação e sair "lá na frente", contornando o "pobrema" (sic) conforme ele [o nativo] falou.*

*Tudo isso foi em julho de 2015, em companhia de minha prima Reane. Seguem fotos.*



**Foto: Reane. Julho 2015.**



**Foto: Reane. Julho 2015.**



**Foto: Reane. Julho 2015.**



**Foto: Reane. Julho 2015.**



**Foto: Fernando Mendes. Julho 2015.**

De volta a maio de 2022. Ao chegar a tal bifurcação e não pretendendo encarar o "calvário" de 2015, avistei o eucaliptal, contornei-o e segui pelo caminho que me deixaria - como de fato me deixou - na Rodovia BR - 383 a exatos cinco quilômetros de Lagoa Dourada (MG).

Apesar da falta de acostamento [na 383] e da chuva fina que persistia, foi a melhor opção.

Às 13h 14 pedalava pelo perímetro urbano de Lagoa Dourada (MG). Fiz uma rápida parada no "Legítimo Rocambole" para obter carimbo no Passaporte Estrada Real. A chuva fina deu uma trégua.

A uns 800 metros adiante - talvez menos - parada na Taberna do Zius, anexo a um posto BR, para saborear delicioso almoço. Eram 13h 45.

De volta à lida do pedal, deixei Lagoa Dourada (MG) rumo a Casa Grande (MG), 27 quilômetros à frente. A saída é feita pela BR - 383.

São três quilômetros até alcançar a Sítio da Gameleira. Naquele ponto, abandonei a 383 e ingressei em estrada de terra com solo bem compactado. Faltavam 24 quilômetros para Casa Grande (MG). O tempo continuava nublado.





**Fotos: Fernando Mendes.**

Às 16h 12, depois de pedalar 11 quilômetros, cheguei ao Povoado Catauá, pertencente à jurisdição de Lagoa Dourada (MG).

Lugar pacato no qual todos se conhecem e passam as tardes de domingo reunidos na praça, botecos e casas de lanche.

Preferi parar no C & L Açaí. Mas o fruto bacáceo de cor roxa ficou para outra oportunidade. Estava em falta ou o famoso: "*tem, mas acabou*".



**Igreja Povoado Catauá. Foto: Fernando Mendes.**

Contentei-me com duas paçocas e uma Coca-Cola 290 ml, a famosa KS. King Size (?)

Dois quilômetros adiante passei pela Fazenda do Vau, famoso criatório de jumentos Pêga **15**, raça brasileira e de origem nobre. É o resultado aperfeiçoado do cruzamento do jumento brasileiro com a jumenta egípcia.

**15** - "*Esse nome (Pêga), é porque os animais são assinalados com uma marca de fogo, cujo desenho lembra as algemas de ferro colocadas nos tornozelos de escravos fugitivos*", anotou em seu diário o Andarilho Oswaldo Buzzo.

Disponível em:<<http://www.oswaldobuzzo.com.br/Home/2010---estrada-real---ii--caminho-do-ouro-1/7o-dia-casa-grande-a-lagoa-dourada-29-quilometros>>.

Acesso: 31/05/2020.

Na entrada da Fazenda do Vau há uma enorme figueira. A sombra é tão acolhedora e refrescante que, “quando D. Pedro II passou por ali, não quis entrar na casa. Apeou do cavalo e tomou chá descansando à sombra da frondosa árvore”, anotou **Antonio Olinto/Rafaela Asprino em Guia de Cicloturismo. Estrada Real. Caminho Velho. 2ª Edição; São Paulo, 2012; Editora Gráficos Unidos, p. 89.**

Faltavam 11 quilômetros para Casa Grande (MG). O tempo continuava nublado e nuvens escuras prenunciavam [mais] chuva. Apertei as pedaladas para chegar antes que a bátega caísse.

Eram 17h 17. O ocaso naquele domingo - 15/05/2022 - aconteceu às 17h 26, segundo meu GPS Garmin.

O Sol estava encoberto por nuvens escuras. A noite caiu junto com minha chegada a Casa Grande (MG), localidade pacata na qual tudo parece transcorrer como sempre: sem transcorrer.

Uma garoa paulistana saudou o fim da jornada quando assomei à Pousada Casa Grande, de propriedade da Sr<sup>a</sup> Madalena, anfitriã muito atenciosa e deveras gentil.

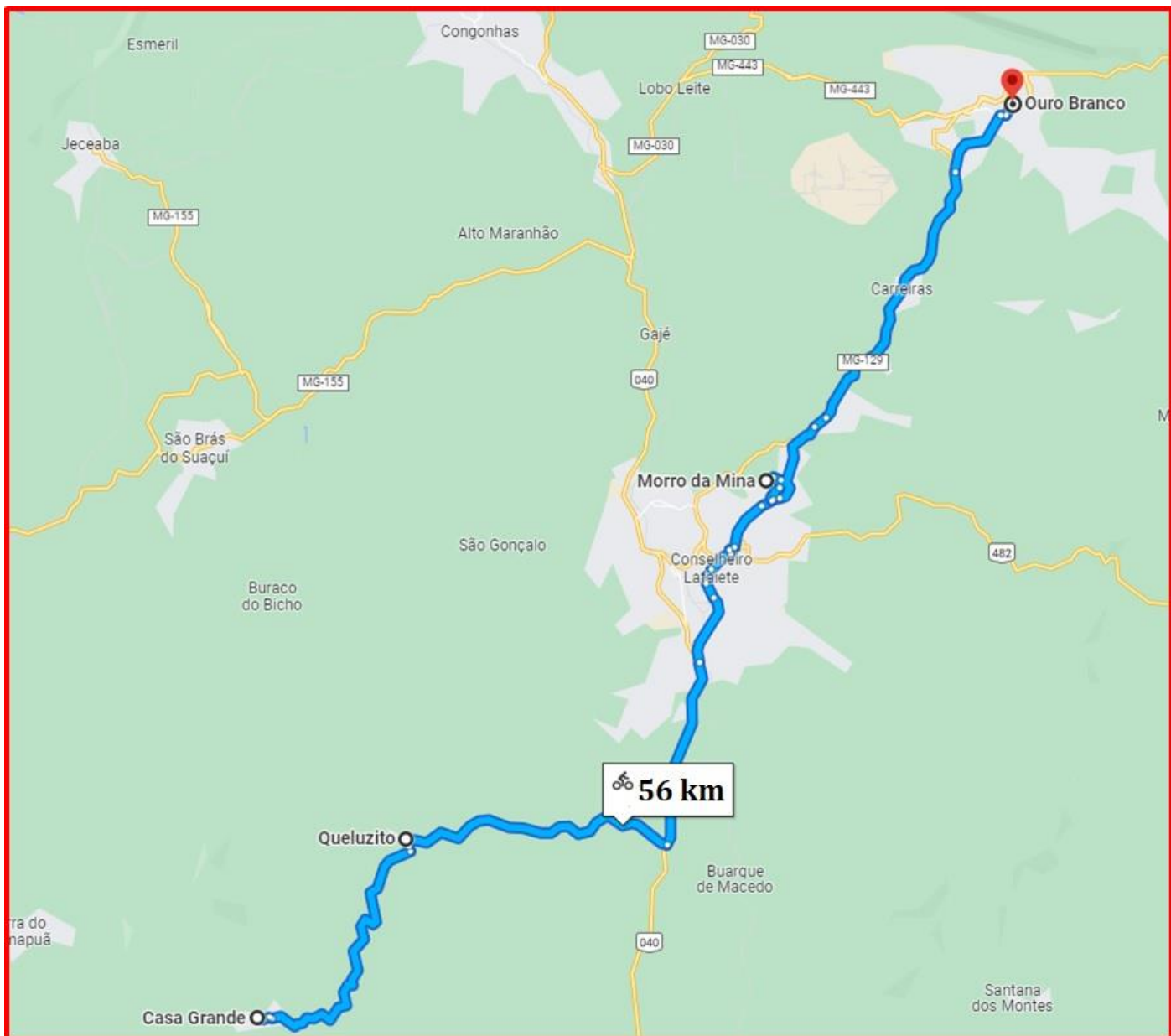
Em 2014, quando preferi pedalar pela Estrada Real à Copa do Mundo, fiquei hospedado nessa pousada. Estadas - ambas - maravilhosas.

Foi uma etapa puxada. Mas um bom jantar e regado a cerveja gelada, garantiram relaxamento e sono profundo. Tão profundo que sequer escutei uma forte chuva que passou procedente do Campo das Vertentes em direção à Zona da Mata.

<b>PRADOS (MG) A CASA GRANDE (MG)</b>	
Distância percorrida	55,62 km
Calorias	1.651
Total subida	1.106 m
Total descida	1.192 m
Ritmo cardíaco médio (RMC)	97 bpm
Velocidade Média	9,3 km/h
<b>Dados obtidos Garmin Forerunner 310XT</b>	

Ouro Preto (MG) a 104,07 quilômetros.

<b>11º DIA</b>	<b>16/05/2022</b>
	<b>CASA GRANDE (MG) A OURO BRANCO (MG)</b>
	<b>56,31 km</b>



**Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.**  
**Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).**



Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.  
Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).

Ao acordar, por volta das 8h, visualizei, da sala na qual café da manhã foi servido, o seguinte cenário: o céu continuava denso e fechado, com as nuvens baixas e distraídas a lambem as formações suaves e desnudas do Espinhaço.

O mau tempo, cinza e robusto, estava estacionado sobre Casa Grande (MG). E a chuva não tardou a dar o ar da graça. O tempo estava desbotado. O vento ululava. Parti às 9h 15.





**Fotos: Fernando Mendes.**

Um olhar mais atento (cheguei na noite anterior e não consegui perceber) ao sair pela rua principal de Casa Grande (MG), no rumo de Queluzito (MG), constatei que a configuração da área urbana foi projetada - acidentalmente ou não - segundo o padrão helênico-romano de *cardo maximus e decumani*, quer dizer, com uma via principal de norte a sul (*cardo maximus*) interceptada em ângulo reto (90º) por outras ruas menores (*decumani*), orientada de leste a oeste.

Inúmeros municípios brasileiros de porte pequeno têm esse padrão helênico - romano. **(Nota do Autor).**

Os primeiros 11,31 quilômetros, entre Casa Grande (MG) e Queluzito (MG), foram percorridos em asfalto muito desgastado e com crateras repletas de água da chuva. Armadilhas.

Exatamente nesse trecho - Casa Grande (MG) a Queluzito (MG) - ocorreu a mudança do Caminho Velho (Casa Grande - MG) para o Caminho Novo (Queluzito - MG).

Às 10h 40 estava na pacata **15** Queluzito (MG), antiga povoação de Santo Amaro e fundada em 1730.

Rápida parada para fotografar a Igreja Matriz de Santo Antonio, tombada pela Prefeitura sob Decreto nº 06/2002. A construção foi iniciada em 1726, sendo inaugurada no dia 12 de março de 1738.

**15 - POPULAÇÃO: 1.943 PESSOAS (IBGE 2020).** Bem pacata!

Sob chuva fina, deixei Queluzito (MG) pela Rua Padre Gurgel e acessei a Rodovia LMG 844 - que vem de Casa Grande (MG).

Pedalei forte por sete quilômetros (em asfalto) até visualizar um Marco da Estrada Real indicando sair à esquerda e entrar em caminho de terra, que serpenteia os eucaliptais que flanqueiam o percurso.

Naquele momento, fazendo valer-se do dinamismo que o tempo meteorológico é dotado, a chuva cessou e, cúmplice, Alguém - lá em cima (?) - limpou o firmamento, presenteando-me com um céu que estendeu seus azuis sobre mim. Fascinante!









**Fotos: Fernando Mendes.**

Terminado o reflorestamento de eucaliptos, cheguei ao asfalto e atravessei três bairros periféricos de Conselheiro Lafaiete (MG): Jardim Europa, São Geraldo e Copacabana, sendo que, por este último, cheguei à BR – 040. Após atravessá-la, tomei o rumo do Hotel Meri, na área central.

No Meri, carimbo no Passaporte Estrada Real e almoço no Restaurante Fogão à Lenha, ao lado da Estalagem [Meri] e defronte à Estação Ferroviária de Conselheiro Lafaiete (MG) **16**, a cidade que mudou de nome três vezes.

## 16 - Primeiramente foi Carijós (1752 a 1790).

*Em 1790, D. Maria I, a “rainha louca”, elevou a localidade ao “status” de Vila, passando a chamar-se Real Vila de Queluz, que recebeu uma estação da Ferrovia Oeste de Minas, em 1883.*

*O nome **Conselheiro Lafaiete** passou a vigorar a partir de 27 de março de 1934, pelo Decreto Estadual n.º 11.274, em homenagem ao Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira (1834 – 1937), quando se comemorava o centenário de seu nascimento.*

*Lafayette foi um jurista, proprietário rural, advogado, jornalista, diplomata e político brasileiro.*

**Fonte: Guia de Cicloturismo Estrada Real Caminho Velho. Antonio Olinto/Rafaela Asprino, 2ª Edição; São Paulo, 2012; Editora Gráficos Unidos, p. 99 (com adaptações).**

Da entrada em Conselheiro Lafaiete (MG) - às 12h 30 - à saída na Unidade da Vale em Morro da Mina - às 15h - percorri 12 quilômetros em meio ao caos: trânsito frenético, ruas estreitas, asfalto gasto e cheio de remendos, sinalização deficiente e muitos, muitos buracos.

Os Marcos do Instituto Estrada Real inexistem na área urbana da cidade. O GPS do celular quebrou o galho. Todavia, pilotar a *bike*, ficar atento àquele trânsito infernal e - simultaneamente - ouvir/entender/executar as informações das direções a seguir foi muito tenso.

Não à toa, entre chegar a Conselheiro Lafaiete (MG), carimbar Passaporte, almoçar e encontrar a saída rumo a Ouro Branco (MG), foram duas horas e trinta minutos de périplo. Em 2014, foi o mesmo calvário.

Defronte à Unidade Morro da Mina, da Vale do Rio Doce, finalmente um Marco da Estrada Real. Alvíssaras!

Pedalava agora por estrada em leito natural e seguindo os Marcos do Instituto, mas por pouco tempo. Logo cheguei ao asfalto da Rodovia MG - 129 e por ela segui até Ouro Branco (MG).

Pelo adiantar da hora (faltavam 40 minutos para o ocaso) devido ao tempo gasto para atravessar Conselheiro Lafaiete (MG), abandonei a Estrada Real e cheguei a Ouro Branco (MG) junto com o pôr do Sol que, naquele 16 de maio de 2022, aconteceu às 17h 25.

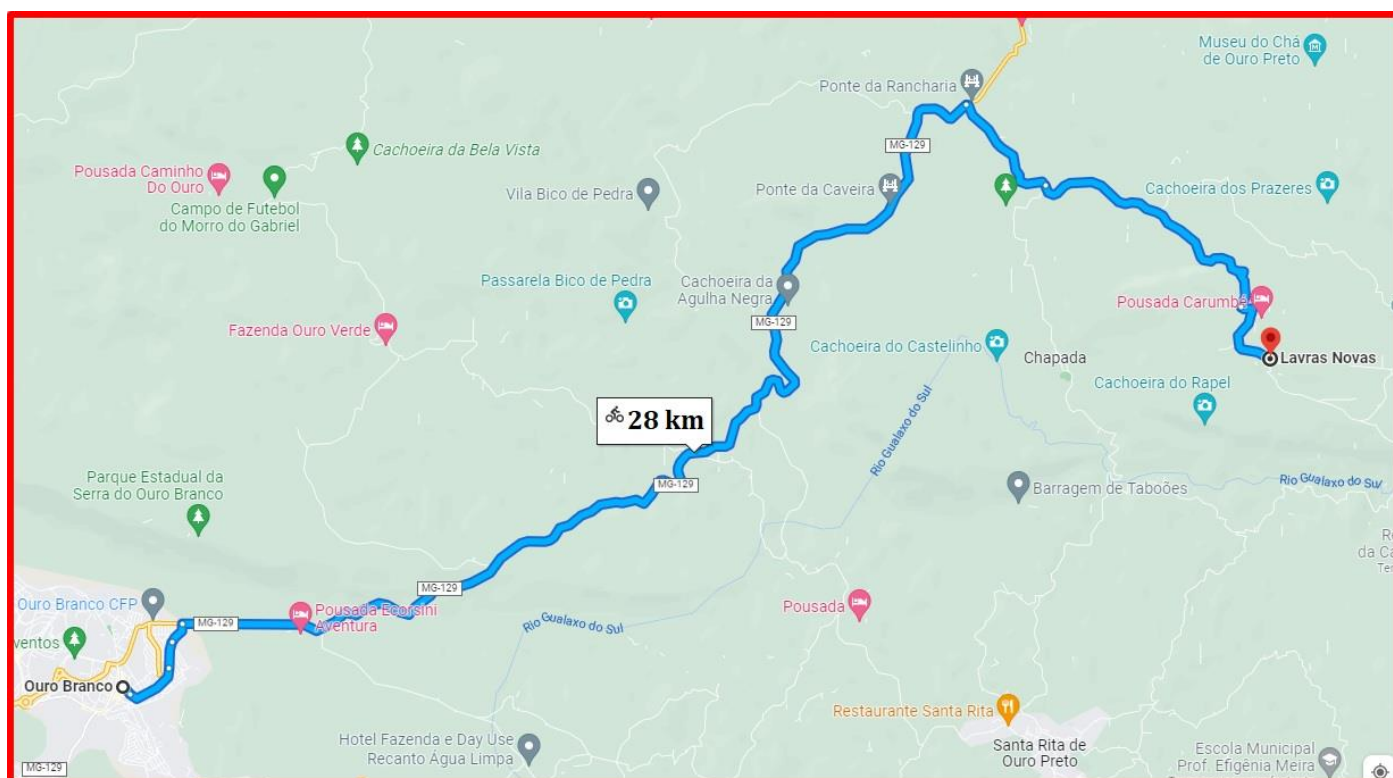
Hospedei-me no Hotel Verdes Mares [excelente estada] e jantei no Helmira's Restaurante, ao lado da Estalagem. Noite muito fria e chuva fina durante a madrugada.

Ouro Preto (MG) a 47,76 quilômetros.

CASA GRANDE (MG) A OURO BRANCO (MG)	
Distância percorrida	56,31 km
Calorias	1.546

Total subida	1.000 m
Total descida	900 m
Ritmo cardíaco médio (RMC)	102 bpm
Velocidade Média	11,0 km/h
<b>Dados obtidos Garmin Forerunner 310XT</b>	

<b>12º DIA</b>	<b>17/05/2022</b>
	<b>OURO BRANCO (MG) A LAVRAS NOVAS (MG)</b>
	<b>28 km</b>



**Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.  
Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).**



Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.  
Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).



**Igreja Matriz de Santo Antônio. Foto: Fernando Mendes.**

Antes de rumar para Lavras Novas, distrito de Ouro Preto (MG) e distante 28 quilômetros de Ouro Branco (MG) - o antigo povoado de Santo Antônio de Ouro Branco - uma visita à Igreja Matriz **17**, exemplo clássico do Barroco do século XVIII.

**17** - Recursos de R\$ 1,3 milhão garantem o restauro da Igreja Matriz de Ouro Branco. A ordem de serviço foi assinada em 13/5/2022.

Foi tombada [1949] pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). A Matriz de Santo Antônio é anterior a 1717. Existe uma certidão do primeiro casamento ocorrido na Igreja em 1701.

*A construção terminou em 1779, data inscrita em seu frontispício.*

Disponível

em: < [www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/05/13/interna\\_gerais,1266367/re-cursos-de-r-1-3-milhao-garantem-restauro-da-igreja-matriz-de-ouro-branco.html](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/05/13/interna_gerais,1266367/re-cursos-de-r-1-3-milhao-garantem-restauro-da-igreja-matriz-de-ouro-branco.html) >.

Acesso: 31/05/2022.

O topônimo Ouro Branco é uma alusão ao ouro [branco] encontrado à época da exploração, ou seja, "mal formado", como dizia Antonil. **18**.

**18** - Padre André João Antonil (1649 – 1716), missionário, autor, *historiador e executor da obra **Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas, publicado em Lisboa (1711), é considerado o melhor registro acerca das condições sociais e econômicas do Brasil no início do século XVIII.***

É de Antonil o dito:

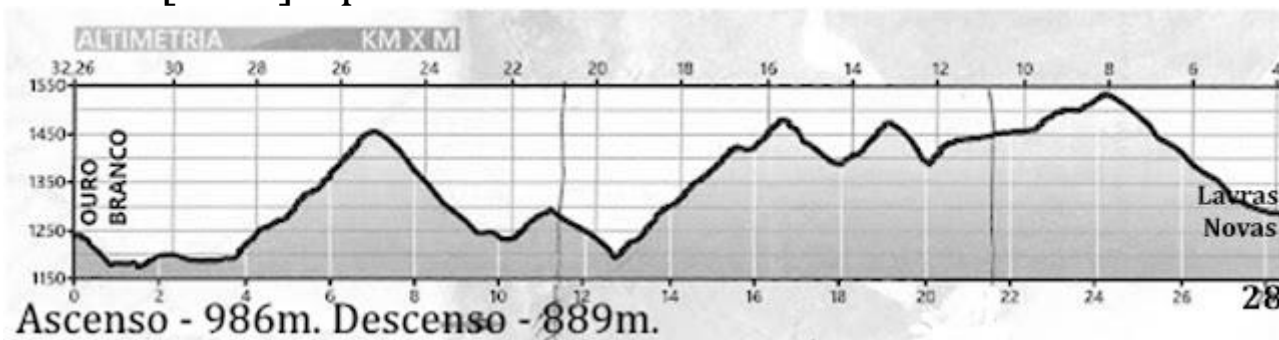
*"O Brasil é o inferno dos negros, o purgatório dos brancos, e o paraíso dos mulatos e das mulatas".*

**Fontes:** Quem nos Falou do Brasil Colonial? Enciclopédia Delta de História do Brasil. **[S.I.]**: Editora Delta S/A. 1969, p. 1571.

Não sendo possível determinar o local, utiliza-se a expressão *sine loco* (do latim "sem um lugar"), abreviada e entre colchetes **[S.I.]**.

Por volta das 10h 20 iniciei o trecho - Ouro Branco (MG) a Lavras Novas (MG) - daquele penúltimo dia de viagem. Saí pela Rua da Lavoura, com a Matriz de Santo Antônio à minha esquerda, e ingressei na Rua José Luís.

Um absurdo descenso me levou à Avenida Macapá, que logo passou a ser a Rodovia MG - 129. Até o Seday Transporte, a altimetria é plana e o trecho [4 km] é percorrido em ciclovía.



**Fonte: Estrada Real: Caminho Velho/Antonio Olinto & Rafaela Asprino, 3ª ed. - São Paulo 2021, p. 133 (com adaptações).**

A partir do km 4, a estrada tem obstinada ascensão, à semelhança do trecho Paraty (RJ) a Cunha (SP), se estendendo por três quilômetros em 250 metros de elevação.

Sob o casaco corta vento, minha blusa estava embebida, ensopada de suor. Quando atingi o topo, desci o que havia subido.

No 11º quilômetro, pausa no Bar e Restaurante Parada Itatiaia. Troquei a blusa encharcada por uma limpa e seca, degustei deliciosa empada, uma Coca-Cola KS e, para arrematar, uma chávena de café expresso com lascas de rapadura.

Precisava repor as energias, porque a subida que veio após o "Parada Itatiaia", me tirou de 1.200 m e me levou a 1.560 m de altitude (\*).



***(\*) essa foto, de minha autoria, foi obtida na jornada Petrópolis (RJ) a Diamantina (MG), em Janeiro de 2017, quando percorri 894 quilômetros pela Estrada Real. Nesta viagem [maio 2022], não fiz o registro porque a placa com as informações foi retirada do acostamento da Rodovia MG -129.***

***Altitude máxima de 1.560 metros, a mesma verificada na divisa RJ/SP no 1º dia de jornada.***

No trecho de Ouro Branco (MG) à entrada de Lavras Novas, a rodovia MG -129 serpenteia a Serra de Ouro Branco, subgrupo do Espinhaço, enquanto a paisagem que circunda o caminho é maravilhosa.



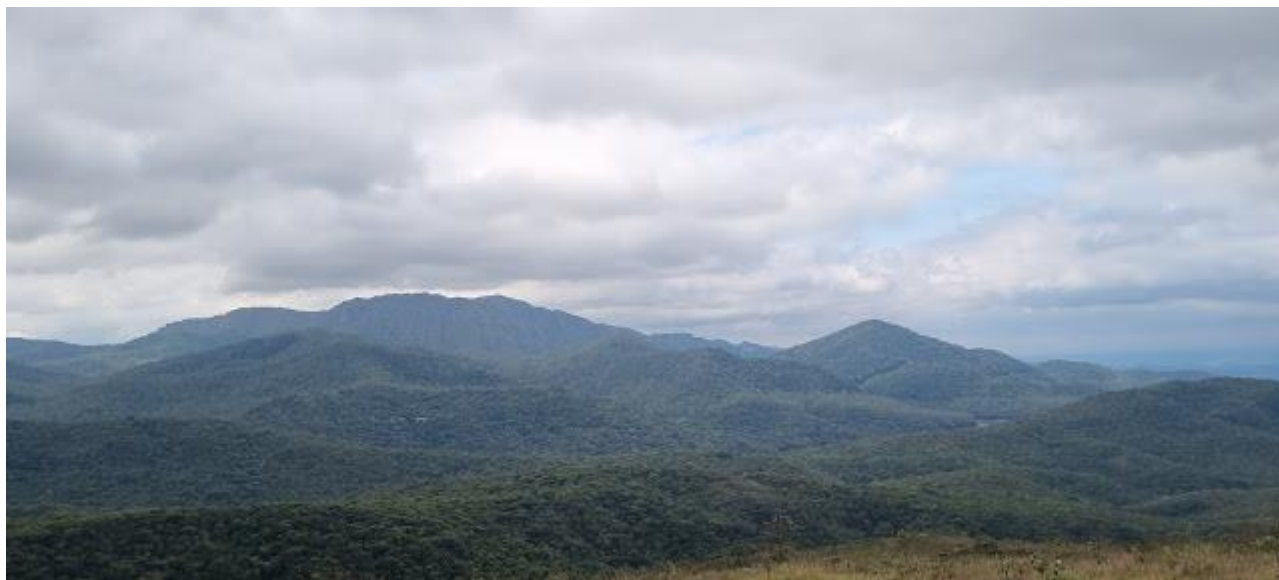


**Fotos: Fernando Mendes.**

Da cota 1.560 m ao trevo de acesso a Lavras Novas, percorri quatro quilômetros em singelo descenso. Às 13h 17, abandonei a MG -129 e segui, à direita, por sete quilômetros, a maior parte em subidas moderadas e fortes, em estreita rodovia asfaltada e com belo visual do Espinhaço a me circundar.







**Fotos: Fernando Mendes.**

Lavras Novas situa-se a 1.510 metros de altitude. A temperatura, em queda livre, chegou a 11°C quando comecei a pedalar pelo calçamento daquele bellissimo distrito de Ouro Preto (MG). Eram 14h 30.

Fui ao restaurante Serra do Luar, o único aberto naquela 3ªf. Almocei bem e me recolhi à Pousada Vila de Gaia. A temperatura estava proibitiva para ficar ao ar livre.

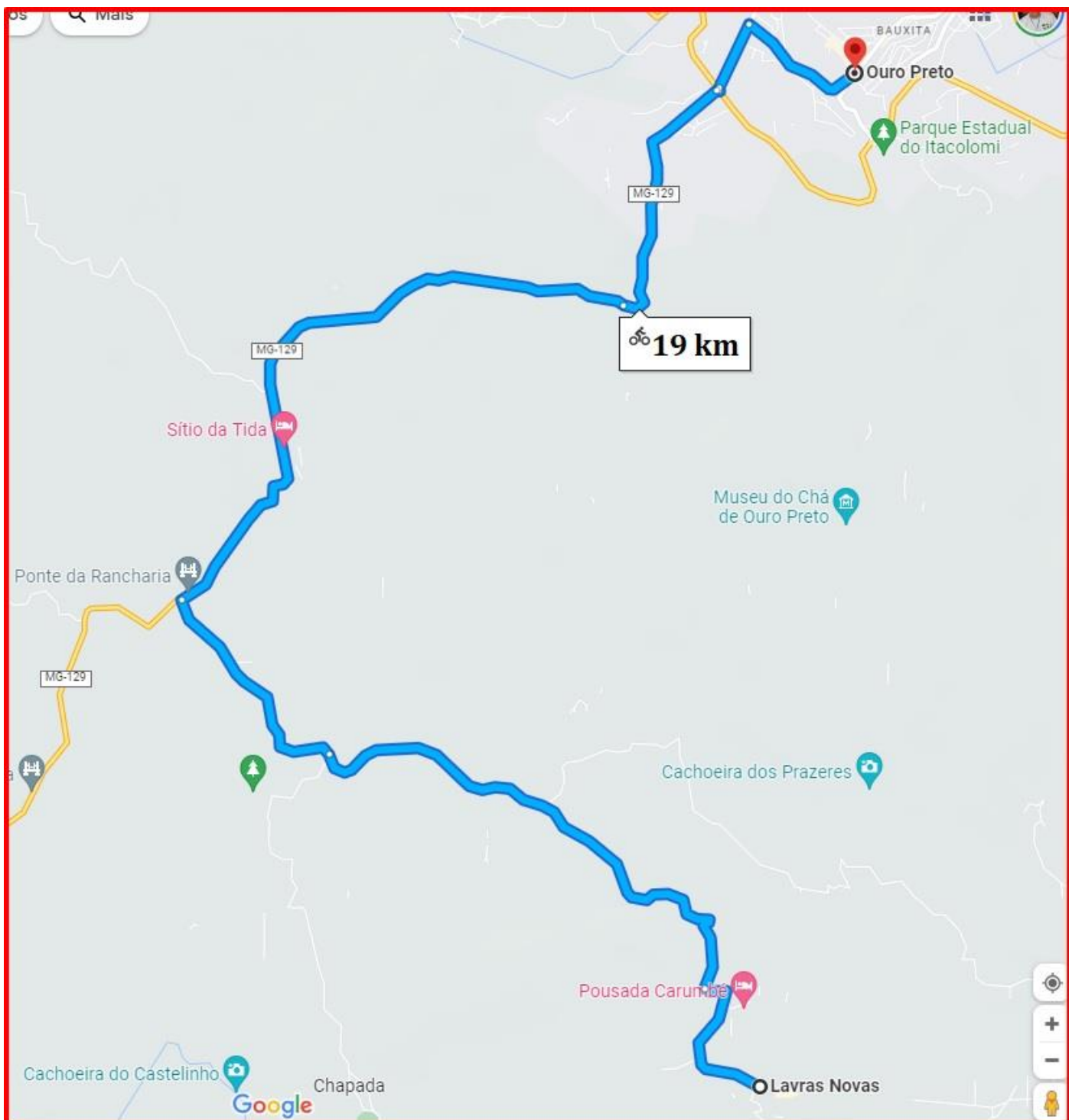
Dormi até às 18h, jantei na pousada e terminei o dia sob cobertas grossas e vendo TV.

Nesse dia, desconheço a razão, a causa, o motivo ou a circunstância que levaram o GPS Garmim de pulso a não registrar o trecho Ouro Branco (MG) a Lavras Novas (MG).

O mesmo aconteceu no 1º dia da viagem, entre Paraty (RJ) e Cunha (SP).

Ouro Preto (MG) a 19,76 quilômetros.

<b>13º DIA</b>	<b>18/05/2022</b>
	<b>LAVRAS NOVAS (MG) A OURO PRETO (MG)</b>
	<b>19,76 km</b>



**Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.**  
**Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).**



Disponível em:<<https://www.google.com.br/maps>>.  
Acesso: 31/05/2022 (com adaptações).

Ao acordar, por volta das 7h, consultei o termômetro do *Cateye* da *bike*: 9°C.

Inviável sair rumo a Ouro Preto (MG) com aquela temperatura. O tempo desbotado e cinzento do dia anterior foi substituído por céu limpo, cheio de Sol, sem nuvens e vento ululante.

O café da manhã do Vila de Gaia - fui o único hóspede naquela estada - é um dos fortes da pousada, além do quarto e alcova de banho amplos, limpeza impecável e muita, muita natureza ao redor da Estalagem.

Após 11 horas de sono fui acordado pelo piar de muitas aves.





**Pousada Vila de Gaia. Fotos: Fernando Mendes.**

Lavras Novas "bomba" nos 52 ou 53 finais de semana do ano e, igualmente, nas férias de verão e, por extensão, nos feriados "esticados".

Minha estada aconteceu em dias úteis (17/5 e 18/5 - 3<sup>af</sup> e 4<sup>af</sup> respectivamente). Portanto, nada de muvuca naquele sítio.

No planejamento da viagem, tive o cuidado de não coincidir a passagem por Lavras Novas com final de semana.

A população chega a sextuplicar (!) durante a alta temporada. Segundo o IBGE 2020, Lavras Novas tem 1.500 habitantes fixos ou residentes.

Consumido o farto pequeno almoço fui a passos "explorar" e fotografar Lavras Novas.





### **Lavras Novas. Fotos: Fernando Mendes.**

Há muitas pousadas, restaurantes e fartos empórios de artesanato. A localidade é muito charmosa, as ruas são limpas e pavimentadas com paralelepípedos. É passeio para o dia todo ou vários dias.

O ponto alto é a Igreja Nossa Senhora dos Prazeres **19**. Lamentavelmente estava fechada.

**19** - *Com características das mais antigas igrejas do século XVIII, a belíssima Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres é composta por três altares com características singelas.*

*Tem-se um belo adro que circunda toda a edificação.*

*No frontispício do adro existe uma grande Cruz de pedra em cantaria.*

**Disponível em:** <<https://turismo.ouropreto.mg.gov.br/atrativo/782>>.  
**Acesso: 31/05/2022.**







**Igreja Nossa Senhora dos Prazeres em Lavras Novas. Fotos: Fernando Mendes.**

Lavras Novas tem (a 1.500 metros de altitude) a tirolesa mais alta do Brasil. O distrito esconde, em meio às montanhas, um ar bucólico e acolhedor. É repleto de casinhas coloridas, pousadas à beira das montanhas, turismo de aventura e muita comida mineira.





Lavras

**Novas. Fotos: Fernando Mendes.**

Encerrado o périplo fotográfico, voltei à pousada, subi na bike e rumei para Ouro Preto (MG), 18 quilômetros à frente. A viagem estava prestes a terminar.

Da Vila de Lavras Novas à Rodovia MG - 129, são sete quilômetros - a maior parte em descenso - com o caminho flanqueado por belas formações do Espinhaço.









Ao atingir a MG - 129, os 11 quilômetros seguintes foram percorridos em descida contínua até o entroncamento com a BR - 365.

Atravessei-a e entrei na Avenida Lima Júnior, no Bairro Saramenha, repleto de casas, empórios e a gigante Hindalco Brasil, empresa do grupo indiano que atende aos mercados nacional e internacional. Opera em Ouro Preto (MG) desde agosto de 2013.

Continuei pela Avenida Lima Júnior avistando as primeiras casas de Ouro Preto (MG), a antiga Vila Rica, perfiladas do alto dos morros até as partes mais baixas do sítio ouropretano. Esta é a minha descrição de Ouro Preto (MG) no século XXI.

Veja a descrição da chegada a Vila Rica **21** - atual Ouro Preto (MG) - e de seu cotidiano, baseada em texto do comerciante inglês John Luccock, que a visitou em 1817.

*Ao ver o povoado [Vila Rica], um viajante da época [do Ciclo do Ouro] achou-o "muito sedutor", mas não deixou de notar que ele [o povoado] parecia estar encravado em um dos piores lugares da Terra para se erguer uma cidade.*

*De fato, aquela sequência de morros na colossal Serra do Espinhaço, a 1.100 metros de altitude, não era o melhor sítio para assentar um núcleo urbano com mais de 2 mil casas grudadas umas às outras, uma dúzia de igrejas corpulentas e alguns prédios públicos de grande porte.*

*O "amor pelo ouro", contudo, venceu a lógica e fez florescer no interior do Brasil um centro urbano vigoroso.*

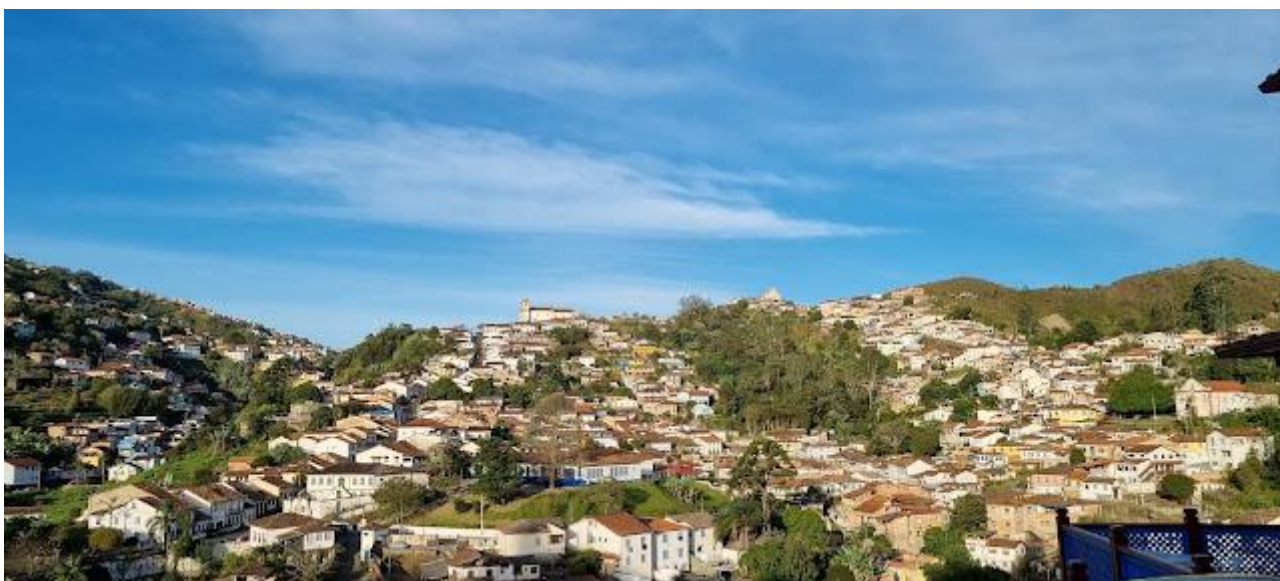
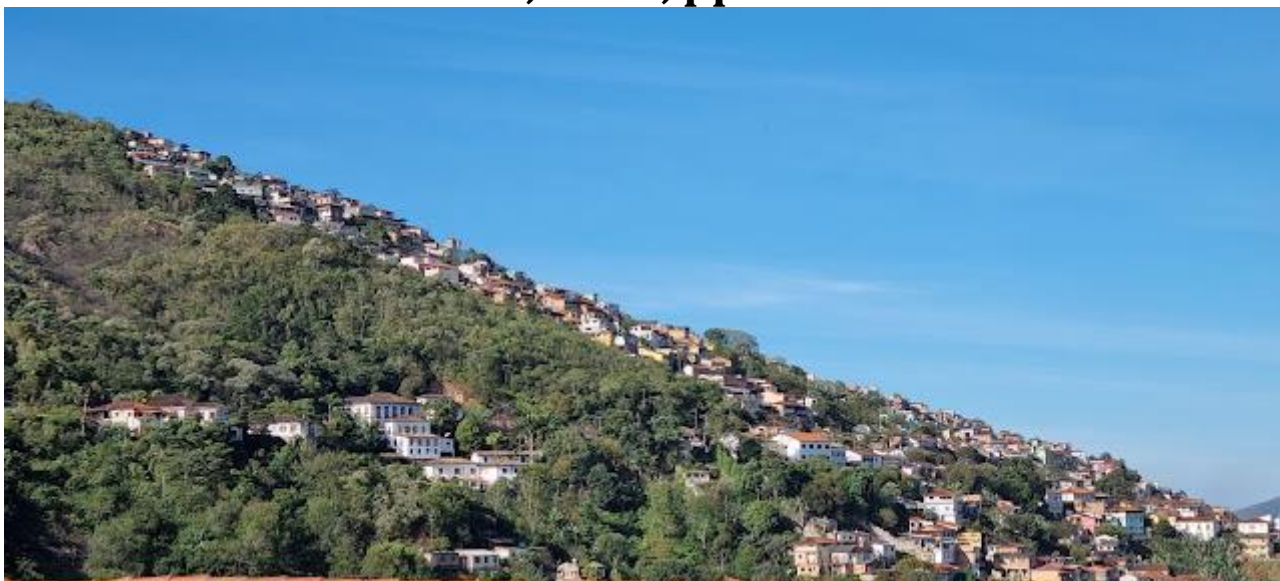
*A vila [Rica] abrigava **79 mil "almas"** (excluindo-se os indígenas), o equivalente a 2,3% da população da colônia.*

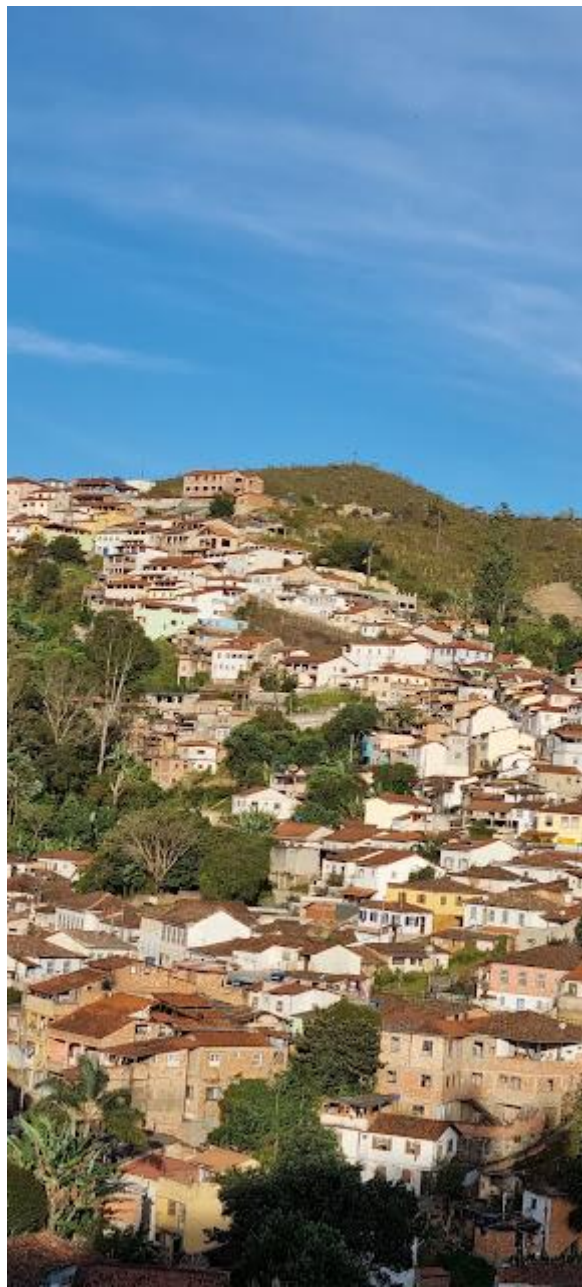
*Apesar de estar a quatrocentos quilômetros do porto marítimo mais próximo, em uma área de difícil acesso e coalhada de bandidos violentos e indígenas bravios, a comarca de Vila Rica tinha mais habitantes que as cidades do Rio de Janeiro (39 mil) e Salvador (menos de 46 mil).*

*Era quase duas vezes e meia maior que Nova York (33 mil habitantes), a cidade mais populosa dos Estados Unidos.*

*E, com menos de cem anos de existência, tinha o equivalente a 15% dos moradores de Paris, cuja história somava, por baixo, vinte séculos.*

**Fonte: O Tiradentes : Uma biografia de Joaquim José da Silva Xavier / Lucas Figueiredo - 1ª ed. - São Paulo : Companhia das Letras, 2018, pp. 33-34.**







**Fotos: Fernando Mendes.**

Antes de providenciar hospedagem, fui à Secretaria de Turismo, localizada na Praça Tiradentes, **20** para obter o último carimbo no Passaporte Estrada Real.

**20** - *Na atual Praça Tiradentes em Ouro Preto (MG), ex- Praça do Mercado, funcionou um dos principais mercados de escravos do Brasil, no qual homens e mulheres jovens, juntamente com crianças, eram os produtos cobiçados.*

*Dependendo do biotipo e das habilidades, chegavam a ser disputados numa espécie de leilão a céu aberto.*

**Fonte: Ibañez, Alexandre.**

**Marília de Dirceu : a musa, a inconfidência e a vida privada em *Ouro Preto* no século XVIII / Alexandre Ibañez, Staël Gontijo Belo Horizonte : Gutenberg Editora, 2012, p. 51.**

Imaginei que sairia da Secretaria de Turismo com o Certificado Estrada Real, minha "medalha" pela conquista alcançada. Ledo engano.

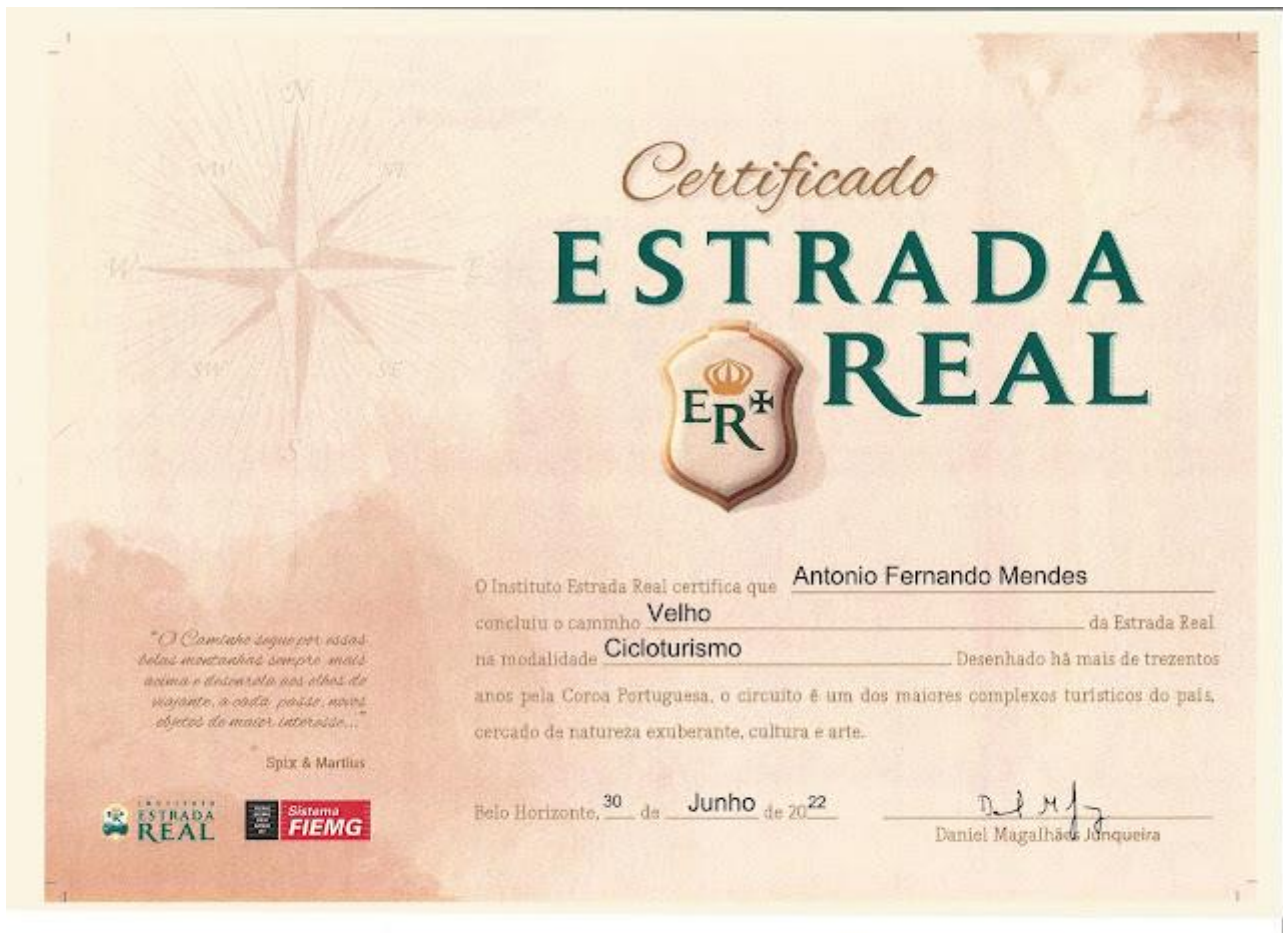


**Disponível em:** <<https://br.pinterest.com/pin/88735055127972152/>>.

**Acesso: 31/05/2022.**

Os certificados de conclusão dos caminhos da Estrada Real, que convergem para Ouro Preto **21** (Caminho Velho, Caminho Novo e Caminho dos Diamantes), desde 2021, são digitais, ou seja, o aventureiro fotografa [via celular] os carimbos obtidos ao longo do trajeto e envia [por e-mail] para Instituto Estrada Real.

No dia seguinte, o Certificado chegou em formato PDF.



### **Minha Medalha.**

**21** - Em 1823, após a Independência do Brasil, Vila Rica, fundada em 1711, recebeu o título de Imperial Cidade, conferido por S.M Imperial D. Pedro I do Brasil, tornando-se oficialmente a capital da então província das Minas Gerais e passando a ser designada como Imperial Cidade de Ouro Preto.

Em 1897, a mudança da capital para Belo Horizonte (MG) provocou um esvaziamento da cidade (aproximadamente 45 % da população), inibindo o crescimento urbano nas décadas seguintes, fato que contribuiu para preservação do seu Centro Histórico.

**Disponível em:** <<https://www.ouropreto.mg.gov.br/historia>>.

**Acesso:** 31/05/2022 (com adaptações).

Fiquei o resto daquela tarde a fotografar Ouro Preto (MG) e arredores. E esse enredo se estendeu pelos dois dias que se seguiram à minha chegada à antiga Vila Rica.



**Pico do Itacolomi, o Farol dos Bandeirantes.**  
**Foto: Fernando Mendes.**



O céu emoldura o Pico do Itacolomi de azul colonial.

Foto: Fernando Mendes.

Igreja de São Francisco de Assis.















**Praça Tiradentes.**

**Fotos: Fernando Mendes.**

<b>LAVRAS NOVAS (MG) A OURO PRET (MG)</b>	
Distância percorrida	19,76 km
Calorias	339
Total subida	351 m
Total descida	576 m
Ritmo cardíaco médio (RMC)	90 bpm
Velocidade Média	12,4 km/h
<b>Dados obtidos Garmin Forerunner 310XT</b>	

No sábado (21/5) embarquei de volta para casa, em Brasília (DF), com a sensação de missão cumprida.

Foi a minha 7<sup>a</sup> edição pelos caminhos da Estrada Real, desta feita - e pela 3<sup>a</sup> vez - o Caminho Velho, entre Paraty (RJ) e Ouro Preto (MG), que não é o caminho "ao contrário".

Brasília (DF), 31 de Maio de 2022.